CAPÍTULO III

3. TENSÕES E REPRESENTAÇÕES NA(S) FRONTEIRA(S) E A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE BRASIGUAIA.

3.1. OS BRASIGUAIOS.

Neste capítulo, as análises serão direcionadas para o surgimento da expressão "brasiguaio" e seu posterior uso como identidade de classe. Em nossa pesquisa de campo nos distritos da região norte do *Departamento de Alto Paraná* no Paraguai observou-se que os "brasiguaios" compõem a grande maioria de trabalhadores nas grandes e médias propriedades, nos silos, no trabalho braçal urbano, enfim, são os que produzem a riqueza da região. Ao mesmo tempo, os camponeses brasiguaios perderam espaço para a monocultura da soja das grandes propriedades (agronegócio). Neste sentido, é lícito discorrer sobre quem são realmente os brasiguaios e como surgiram.

É do conhecimento geral que a dinâmica do sistema capitalista contemporâneo tem exigido intensa mobilidade das populações de países periféricos, especialmente em áreas de fronteira, como é o caso do deslocamento de migrantes do Brasil para o Paraguai no extremo-oeste-paranaense. Para se discutir de forma mais aprofundada esse movimento na fronteira dos dois países, faz-se necessário discorrer, primeiramente, sobre o termo b*rasiguaio.* Porque *brasiguai?* A expressão parece ter em si algo de simplista, já que remete, num primeiro momento, a brasileiros ligados, de alguma forma, a atividades agrícolas no Paraguai.

O senso comum considera brasiguaios brasileiros que possuem terra no Paraguai e que lá trabalham. No entanto, alguns pesquisadores que estudam o movimento de fronteira, embora não discordem totalmente da definição do senso comum, crêem que o mesmo é insuficiente para designar "todos" os sentidos que podem ser evocados pelo termo. Mesmo que pesquisadores brasileiros e paraguaios se utilizem do termo, o significado do mesmo, para eles, é divergente.

O cerne desta pesquisa sobre os brasiguaios gira em torno de uma problemática por nós constatada durante as andanças na região norte do *Departamento de Alto Paraná*. Ao serem analisadas algumas fontes, como entrevistas, jornais e, também, leituras especializadas de ambos os países, percebeu-se que a denominação, para a maioria dos pesquisadores brasileiros, contempla indivíduos de origem brasileira que foram trabalhar e residir no Paraguai. Com o passar do tempo, não conseguindo se reproduzir como camponeses iniciaram o retorno para o Brasil, principalmente, para os estados fronteiriços do Paraná e Mato Grosso do Sul, aumentando, por conseguinte, a massa de pessoas às margens das estradas, especialmente junto ao movimento de trabalhadores sem-terra e às periferias das cidades marginais. Exatamente nesse retorno, organizado em seu início, é que começaram a receber a denominação de brasiguaios.

Os pesquisadores que se dedicam a esta questão, no Paraguai[45], definem brasiguaios como brasileiros que trabalham no Paraguai, mas não necessariamente os que retornaram ao Brasil ou, ainda, trabalhadores rurais expulsos pela modernização da agricultura paraguaia sob a égide do modelo do agronegócio, os brasiguaios continuam no Paraguai e voltam ao Brasil apenas a passeio ou para encaminhar os filhos nos estudos. Assim, para os estudiosos paraguaios, como Ramón Fogel e Marcial Antonio Riquelme, os brasiguaios com maior condição financeira que, no caso seria os "brasileiros no Paraguai" não adquirem seus costumes, suas comidas, em suma, não internalizam sua cultura de maneira plena, e permanecem no país em tais condições, na imensa maioria, explorando a mão-de-obra paraguaia e até mesmo a brasiguaia, formada por camponeses que perderam suas propriedades e não tiveram condições financeiras para retornar ao Brasil.

De maneira mais explícita, parece que essas pessoas receberam tal denominação a partir do momento em que passam a ser um problema, tanto no Paraguai, como no Brasil. São chamados de brasiguaios no Brasil quando retornam e se tornam responsabilidade do governo brasileiro, e são chamados de brasiguaios no Paraguai quando vivem e trabalham lá, sendo, portanto, responsabilidade das autoridades paraguaias.

Teoricamente, ao analisarmos como se dá a discussão acerca da expressão "brasiguaio" e nas diferentes concepções entre autores dos dois países, recorremos a estudos que já pautaram a questão brasiguaia. A partir de então foi possível, estabelecer ponderações a respeito da questão.

---

[45] Autores paraguaios que tratam da questão brasiguaia, entre os quais se destacam: Marcial Antonio Riquelme, Tómaz Palau e Ramón Fogel.

Foi possível avaliar, na leitura dos trabalhos, que eles foram escritos no calor dos acontecimentos, principalmente na época em que ocorreu um retorno mais acentuado ao Brasil, em meados da década de 1980 e início de 1990.

Conseqüentemente, essas análises foram e continuam sendo utilizadas à exaustão, fomentando ainda hoje diversos estudos sobre a questão, especialmente na academia. O ponto essencial sobre a expressão brasiguaio e, por conseguinte, sua conceituação, é do brasileiro que retornou ao Brasil. Todavia, com o passar do tempo, desenvolveram-se outros trabalhos, principalmente na década de 1990 e, até mesmo no início deste século abordam outras concepções. Os trabalhos são variados. Alguns trazem novos olhares sobre esses camponeses excluídos da terra como, por exemplo, a obra de Ramón Foguel intitulada: *Pobreza e Rol del Estado en el Paraguay* (2002), nesta obra o sociólogo paraguaio analisa a pobreza provocada, principalmente pela concentração fundiária no Paraguai e, que esse processo pode ser mudado, que existe condições para reduzir a pobreza e eliminar suas expressões extremas.

Constatamos, também, que há um alargamento teórico em relação à terminologia brasiguaio. Vale ressaltar que, de maneira nenhuma, esses trabalhos são carentes de informações. Contudo, deve-se levar em consideração que, com fatos novos que a própria dinâmica do capitalismo se encarrega de criar, outros elementos se agrupam a este complexo movimento, especialmente na região fronteiriça no extremo oeste paranaense e leste paraguaio, ampliando as análises em torno da conceituação. Pode-se dizer que o sujeito brasiguaio é dinâmico, ou seja, está sempre em transformação. Logo, a expressão e a própria identidade brasiguaia são oportunas aos seus, dependendo de que lados da fronteira se encontram.

Percebe-se, com isto, que a identidade brasiguaia pode ser considerada uma identidade de fronteira híbrida formada pela junção das identidades nacionais. No entanto, ela tem adquirido sentidos diversos ao longo do tempo, funcionando como uma identidade ambígua, negociada conforme os interesses que necessitam ser explicitados ou ocultados. (ALBUQUERQUE, 2007).

Nesse sentido, sistematizamos a categoria brasiguaio que, na região estudada, é mais visível, ou seja, brasiguaios são os pobres que foram para o Paraguai, porque foram excluídos da terra em seu país de origem. Alguns conseguiram ascender socialmente e a maioria não conseguiu, tendo muitos destes retornado ao Brasil em condições ainda piores de quando migraram. Tal situação é diferente dos grandes proprietários de terra, os conhecidos “brasileiros no Paraguai”, que, na região norte do *Departamento de Alto Paraná*, não são designados como

brasiguaios. O grande definidor do ser “brasiguaio”, além da resistência no tocante a permanência na terra é a classe social a que esse sujeito pertence.

No entanto, se analisarmos como os estudos foram dirigidos para conceituar esses migrantes no início dos anos 1990, nota-se que existe uma gama de conceituações para definir o sujeito brasiguaio. Por exemplo, o geógrafo Luis Carlos Batista trabalha com a conceituação como sendo os agricultores brasileiros que ainda viviam no Paraguai, e não somente os que retornaram ao Brasil. Na obra *“Brasiguaios: destino incerto”* , o jornalista José Luiz Alves trata os brasiguaios como os brasileiros que residem em território guarani, principalmente os que vivem ao longo da região fronteiriça que divide os países, mas num clima tenso, em que são diariamente ameaçados de expulsão pelo modelo agrícola vigente no país vizinho: o agronegócio. (ALVES, 1990).

Por outro lado, a jornalista Cássia Cortêz em sua obra denominada *“Brasiguaios: refugiados desconhecidos”*. A autora analisa o surgimento do fenômeno dos "brasiguaios" a partir do processo de concentração de terras no sul do país, especialmente no Estado do Paraná, e a transferência desse processo para o Paraguai a partir de facilidades oferecidas pelo governo Stroessner a grandes proprietários, companhias colonizadoras e grileiros brasileiros. A autora analisa todo o processo de organização do retorno e o cotidiano no acampamento de Mundo Novo (MS). Analisa também o processo de mobilização do movimento camponês paraguaio e os conflitos que se seguiram com os brasileiros que permaneceram no país vizinho, ao mesmo tempo em que identifica o cerco do Estado brasileiro às tentativas de retorno de novas famílias. Cássia Cortêz acompanhou por longo período os brasiguaios no acampamento de Mundo Novo. Segundo a autora,

> [...] os chamados brasiguaios, sem terra e sem pátria, são calculados em torno de quinhentos mil, [...] representam mais de oitenta por cento da população da fronteira paraguaia e quinze por cento dos eleitores. Sobrevivem como posseiros, meeiros, bóias-frias, arrendatários e agregados, em condições de exploração de miséria. (CORTÊZ, 1994, p. 199).

A bacharela em história e doutora em Antropologia Social Márcia Anita Sprandel, que trabalhou com elementos do retorno mais numeroso, mais acentuado, principalmente os acampamentos de Mundo Novo e Ivinhema (MS) em meados da década de 1980, portanto, no calor dos acontecimentos, encontra dezenas de denominações diferentes cunhados pela imprensa naquele momento para designar os brasiguaios. As definições seguintes, apesar de não se

alinharem com nossa pesquisa, serviram de instrumento de análise para podermos compreender outros enfoques sobre os brasiguaios e sobre a questão brasiguaia.

Várias são as definições sobre os brasiguaios, as mais difundidas são: Agricultores brasileiros expulsos do Paraguai; lavradores brasileiros que trabalham no Paraguai e tiveram que voltar movidos pela pressão do trabalho quase escravo a que lá estavam submetidos; agricultores brasileiros que são no Paraguai, meeiros, rendeiros e bóias-fria, trabalhadores rurais que trabalhavam no Paraguai e resolveram retornar ao Brasil, etc.

Conforme os estudos do jornalista Carlos Wagner, essa expressão nasceu numa reunião no município sul-matogrossense de Mundo Novo em 1985, quando se discutia a articulação a ser engendrada para o retorno desses camponeses para o Brasil. Nessa reunião, um camponês re-migrado disse, *"então quer dizer que nós não temos os direitos dos paraguaios porque não somos paraguaios; não temos os direitos dos brasileiros porque abandonamos o país. Mas, me digam uma coisa: afinal de contas, o que nós somos?"* (WAGNER, 1990, p. 20). Neste momento, o deputado federal do PMDB por Mato Grosso do Sul, Sérgio Cruz, respondeu: *"vocês são uns brasiguaios, uma mistura de brasileiros com paraguaios, homens sem pátria"* (ibidem). Assim, a partir daquele momento passou-se a denominar de modo geral, todos os camponeses que vivem ou viveram no Paraguai como brasiguaios.

No livro da professora paraguaia Fernanda Feliú *"Canindeyú – zona alta: los brasiguayos"* ela considera brasiguaios os camponeses que, segundo ela, *"pasaron las decadas, crecieron los hijos nacidos en esta tierra apareciendo un nuevo grupo humano: los brasiguayos"* (FELIÚ, 1999, p. 11). Mais adiante, ela afirma que *"actualmente, hay una nueva generación de niños y jóvenes, nacidos en la región e hijos de padres de distintas nacionalidades. Son ellos los nuevos 'mestizos' que conforman la nueva sociedad pluricultural en esta parte del territorio paraguayo"* (idem, p. 41).

Isto no mostra que a concepção da autora paraguaia diverge da de autores brasileiros, ao definir brasiguaios, sendo uma das principais divergências a consideração do tempo de permanência no país e das novas gerações que vão nascendo e se firmando em território paraguaio. Na fronteira leste, no entanto, a denominação de modo geral, sempre recaiu sobre os camponeses pobres que se deslocaram para o Paraguai, principalmente na década de 1970, e atualmente estão sendo expulsos da terra no vizinho país, isto é, pequenos agricultores de pouca terra e trabalhadores rurais sem terra, que vivem ou viveram no Paraguai como brasiguaio.

Embora tais constatações tivessem sido feitas na vivacidade dos acontecimentos de meados da década de 1980 e início de 1990, atualmente ainda permanecem dúvidas na maioria das pessoas sobre a denominação que viria a se tornar a identidade brasiguaia. É importante a conceituação adequada, já que é desta perspectiva que partem os pesquisadores ao estudarem a questão brasiguaia. Outro tipo de conceituação que não leve em conta a divisão de classes, ao menos na região fronteiriça do *Departamento de Alto Paraná*, pode estar fadada a uma interpretação da questão totalmente fora da realidade atual.

Particularmente, na pesquisa aqui desenvolvida, os brasiguaios são vistos na mesma perspectiva do sociólogo paraguaio Marcial A. Riquelme, que estuda a questão e chegou à conclusão de que brasiguaios são: **os pobres, os oprimidos, os sem direitos trabalhistas e sociais, enfim, aqueles sem pátria e sem esperança**. Já os "brasileiros no Paraguai", diferentemente dos brasiguaios, têm pátria, ou melhor, têm poder econômico, político e simbólico para escolher a pátria que melhor lhes convier, tanto a brasileira como a paraguaia.

Nossa definição de identidade e de "brasiguaio", depois de muitas consultas teóricas sobre o caso: é o conjunto de caráter próprio e exclusivo com os quais se podem diferenciar pessoas quer diante do conjunto das diversidades, quer ante seus semelhantes. Sua conceituação interessa a vários ramos do conhecimento, e a geografia tem desprendido muito em favor de conceituar essa questão tão complexa. A definição que cabe neste trabalho é a coletiva, pois foi na coletividade que a identidade brasiguaia surgiu e se generalizou a partir de meados dos anos 1980.

Entretanto, para compreendermos o surgimento do sujeito brasiguaio, foi preciso, primeiramente, analisar o processo de deslocamento de milhares de camponeses, ou seja, pequenos agricultores camponeses e trabalhadores rurais itinerantes expulsos da terra de trabalho em seu país de origem a partir da segunda metade do século XX. Como já foi mencionado, os fatores decisivos para essa imensa migração foram, essencialmente, a modernização conservadora do campo brasileiro e, no oeste do Paraná, também a construção da Hidrelétrica Binacional de Itaipu (1974-91).

> A chegada da soja e da mecanização, trazendo a concentração da terra, foi a responsável pela continuidade da migração dos agricultores. Somente na década de setenta, segundo o Centro de Estudos Migratórios de São Paulo, migraram do Paraná 1.201.457 pessoas, que foram para o Paraguai ou para as novas fronteiras agrícolas de Rondônia e Mato Grosso, despovoando vilas inteiras, deixando

> cidades quase fantasmas, transformadas em sedes político-administrativas de latifúndios mecanizados. (CORTÊZ, 1994, p. 106).

Vale salientar que o deslocamento de brasileiros para o Paraguai foi uma constante ao longo da história, porém considerado tímido até meados da década de 1960, intensificando-se a partir daí. O processo migratório, especialmente do Paraná para o Paraguai sempre ocorreu num clima de conflitos e de violência, se não no local de origem, no local de destino, entrando, assim, na composição do trabalho que organiza a formação do território de batalhas dos brasiguaios. (BATISTA, 1990).

O processo migratório de que tratamos aqui acabou por dar origem a um novo sujeito, que foi inserido no contexto social dos dois países em meados dos anos de 1980. O chamado "brasiguaio" não surgiu repentinamente. Antes mesmo de serem assim denominados, eles dependiam das duas nacionalidades, a brasileira e a paraguaia, ou seja, eram nascidos no Brasil e, no entanto, viviam no Paraguai. No papel de sujeito social, sua existência incidia anteriormente à criação da expressão e, conseqüentemente, à identidade. Conforme as reflexões de Luis Carlos Batista, *"reflete-se nos brasiguaios um forte sentimento de desejo de voltar ao Brasil"* (BATISTA, 1990, p. 64). Como se vê, na concepção deste autor, esses trabalhadores já se consideravam brasiguaios ainda em território guarani, mesmo antes de retornarem para o Brasil, onde a identidade se notabilizou.

Deste modo, a identidade deve ser compreendida, conforme Hall (2003), como um processo cultural, social e material determinado por condições históricas características. Assim, não é possível conceber a identidade como algo fixo, imutável, embutido nos sujeitos, acompanhando-os ao longo da vida. A identidade não é estática e, nesse caso especifico, é manifesto que ela não se formou simplesmente com o advento do retorno ao Brasil: ela vinha sendo delineada por esses camponeses, ainda que inconscientemente, no processo de desterritorialização[46] a que foram submetidos quando do deslocamento para território paraguaio. Assim, as identidades são originárias de situações vividas, do cotidiano, de nossas práticas diárias, contrapondo-se certamente à idéia contemporânea de que nascemos prontos e acabados, com uma identidade intransigente que irá subjazer toda a existência do sujeito. O migrante

[46] A desterritorialização é um fenômeno que se refere tanto aos deslocamentos humanos em busca de novas oportunidades, face aos intensos movimentos migratórios no mundo globalizado, como discutido por Haesbaert (1995, p. 166), quanto a "atividades que se tornam menos dependentes de recursos, práticas e interdependências específicas de um local" (STORPER, 1994, p. 13). Desterritorialização e territorialização, portanto, são termos referidos ao intenso movimento de capital, pessoas e mercadorias no mundo contemporâneo.

brasileiro passou, então, a ter duas nacionalidades, duas culturas que se entrelaçavam, e isto moldou, por assim dizer, sua identidade, antes ainda de seu retorno à pátria de origem.

Em outras palavras, mesmo fazendo parte de duas culturas diferentes que se entrelaçavam no âmbito da fronteira, a denominação e posterior identidade só se tornou possível e se popularizou com o consentimento do outro, ou seja, a identidade só se estabeleceu quando o receptor ou receptores a absorveram. Este foi o caso ocorrido com a identidade brasiguaia: os brasiguaios viram sua identidade se legitimar quando absorvida pelos outros em situação de preconceito e marginalidade. Importante ressaltar que os outros aqui não são os paraguaios e, sim os próprios conterrâneos da terra de origem. A busca por uma identidade, portanto, considera as vivências e as relações que a constituem no presente, processo no qual o passado torna-se força mediadora, mais do que simplesmente produtor de símbolos idealizados.

Porém, a identidade, para ser ratificada, depende das disposições e posições dos sujeitos no interior da sociedade da qual fazem parte em determinado momento. Destarte, legitimada, a identidade necessita de representações[47], de ônus para se estabelecer no seio da sociedade. Assim, como existe a luta econômica pela hegemonia da sociedade, há também a luta de representações, cada qual tentando impor seus próprios valores, confiando que não existe distinção entre a objetividade das estruturas e a subjetividade das representações. Neste caso,

> As representações do mundo social, assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupos que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza [...]. Por isso esta investigação sobre as representações tem tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio. (CHARTIER, 1990, p. 17).

Nesta dialética, deve-se compreender que as representações são responsáveis pela construção de identidades, como também os sistemas simbólicos nas quais elas se fundamentam. Porquanto os sujeitos se posicionam a eles mesmos, quando dominados pelos discursos,

---

[47] Representação aqui faz concordância com (ALMEIDA, 2006, p. 183), que salienta que: A representação simbólica do objeto não é puramente subjetiva, ela se constrói e é construída na relação com a objetividade do outro porque "ao ato significante de um sujeito (ou grupo social) existem os limites de outros sujeitos (ou outros grupos sociais) que também querem significar. Representações são construções sempre ligadas a um lugar a partir do qual sujeitos representam, estando, portanto, intimamente determinadas por identidades, interesses e lugares sociais".

admitindo-os. Para Hall (2000), as identidades são as circunstâncias que os sujeitos assumem através das representações.

Há de se evidenciar que tal processo é bastante complexo, pois *"a representação é sempre constituída ao longo de uma falta, ao longo de uma divisão, a partir do lugar do outro e que, assim, elas não podem, nunca, ser ajustadas – idênticas – aos processos de sujeito que nelas são investidos"* (HALL, 2000, p. 112). Pode-se dizer, então, que a identidade é composta e constituída de representações. No entanto, nem toda representação constitui e se molda à identidade:

> Utilizo o termo identidade para significar o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, de um lado, os discursos e as práticas que tentam nos interpelar, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode falar. As identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições de sujeito que as práticas discursivas constróem para nós. Elas são o resultado de uma bem-sucedida articulação ou fixação do sujeito ao fluxo discursivo. (HALL, 2000, p. 111-112)

O sujeito brasiguaio, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável é, assim, composto agora não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. (HALL, 2006). Desta forma, o sujeito vive numa região fronteiriça e tem sua identidade vinculada ao lado da fronteira em que se encontra. Pode-se mencionar como exemplo, o médio produtor que, nessa região do Paraguai, não é reconhecido como brasiguaio, no Brasil, contudo, a trabalho ou a passeio, quando está do lado de cá da fronteira, ele faz questão de ser reconhecido como brasiguaio, ou seja, a identidade brasiguaia parece ser oportuna, talvez, para justificar a aposentadoria que ele recebe no Brasil.

Nota-se, portanto, que *"quando na busca de construção da identidade, os sujeitos individuais e sociais mergulham na profundidade de suas histórias, por meio de uma dinâmica que pode apresentar um caráter espontâneo ou direcionado"*. (NODARI *et all*, 1999, p. 161).

No Paraguai, por outro lado, percebeu-se que os migrantes pobres anteriormente expulsos de sua terra de sobrevivência, principalmente no sul do Brasil, sentiram a falta de organização em torno de uma expressão forte; de massa, representativa, para que pudessem fazer valer seus direitos, isto é, acesso a terra, quando do retorno à pátria mãe. Nesse contexto, os futuros brasiguaios já previam as expulsões com a expansão indiscriminada da modernização do

campo paraguaio através do agronegócio e também que, caso chegassem à fronteira organizados em torno de um ideal comum, teriam mais condições de reivindicar seus direitos junto a órgãos governamentais brasileiros. Todavia, a fuga para o Brasil, além de organizada, em grupo, tinha uma razão e um temor. A razão de serem reconhecidos como brasileiros legítimos que foram expulsos da terra e, por esse motivo, tinham direito de retornar e exigir seus direitos, e o temor de como iriam ser recebidos pela população brasileira.

> Os brasiguaios são o resultado da expropriação e expulsão violenta de centenas de milhares de agricultores do sul do país [...] quando as terras devolutas, ocupadas por colonos, foram sendo anexadas às das colonizadoras, para serem comercializadas ou incorporadas a novos latifúndios, iniciando, assim, a concentração de terras na região [...]. O surgimento dos brasiguaios foi o indicativo da possibilidade dessa articulação, pois assim como o avanço do capitalismo no campo não tem fronteiras, o braço do latifúndio também não distingue a nacionalidade de suas vítimas. Os brasiguaios são hoje testemunhas vivas da transposição dos limites territoriais do terror agrário implantado durante as duas ditaduras [...]. Os milhares de brasiguaios representam [...], o reforço da luta pelo fim do latifúndio, da violência no campo, da miséria e expropriação dos pequenos agricultores [...]. Eles demonstraram ser capazes de mexer nas estruturas dos dois governos, ao mobilizar as representações diplomáticas, vários ministérios e as polícias fronteiriças. E, principalmente ameaçar o latifúndio. (CORTÊZ, 1994, p. 13 – 163).

Naquele momento histórico (1985), a expressão *"brasiguaio"* foi criada com o objetivo de organização, no intuito de permitir a eles – workers peasants – trabalhadores rurais e pequenos agricultores de renda tipicamente familiar expulsos do processo produtivo das terras guaranis – maior poder de negociação em território estranho. Note que o território brasileiro se tornou estranho a esse povo. Muitos desses brasiguaios possuíam de 20 a 30 anos de vivência no Paraguai e, essa vivência só foi possível porque, *"o Brasil já nos rejeitou há mais de três décadas, quando nos arrancou da terra e nos obrigou a buscar refúgio no Paraguai. Hoje o Paraguai, da mesma forma, não nos dá condições de sobrevivência e uma cidadania digna"*. (CORTÊZ, 1994, P. 182).

Atualmente, essa nova identidade nomeia todo um contingente de camponeses pobres que vivem em ambos os lados da fronteira. Conforme Sprandel (1992), são os que enfrentam dificuldades de documentação, titulação de terras e conflitos com o movimento campesino no Paraguai e, no Brasil, são tratados com preconceito devido à sua condição de errantes, sem pátria, no entanto, *"o mais triste foi ver a cidade inteira fechar as portas para a passagem dos*

brasiguaios que só pediam solidariedade" (CORTÊZ, 1994, p. 184). No Brasil os camponeses re-imigrados no acampamento de Mundo Novo e nos demais que surgiram nesta época, tiveram que habituar-se novamente a terra de origem. Neste contexto, os futuros brasiguaios perceberam que com o passar do tempo no acampamento:

> Aprende-se a se decodificar o porquê das restrições e proibições. Aprende-se a acreditar no poder da fala e das idéias, quando expressas em lugares e ocasiões adequadas. Aprende-se a criar códigos específicos para solidificar as mensagens e bandeiras de luta,. [...] Aprende-se a elaborar discursos e práticas segundo os cenários vivenciados. E aprende-se, sobretudo, a não abrir mão de princípios que balizam determinados interesses como seus. Ou seja, elaboram-se estratégias de conformismo e resistência, passividade e rebelião, segundo os agentes com os quais se defronta. (GOHN, 1992, p. 19).

A partir desse momento a expressão "brasiguaio" se generalizou. Sendo responsável por essa generalização as mil famílias de camponeses brasileiros que trabalhavam no campo guarani e foram vítimas de um processo de expulsão de suas terras pelo início da expansão da monocultura da soja (agronegócio) coincidindo, inclusive com a proximidade da deposição do Presidente Alfredo Stroessner, ou seja, com o fim da ditadura, dando origem a atual identidade.

Nessa época, uma massa de aproximadamente oito mil pessoas cruzou a fronteira e ergueu vários acampamentos no Estado de Mato Grosso do Sul, sendo o maior e mais populoso, e que mexeu com as estruturas do Estado e do país, foi o de Mundo Novo. Um imenso acampamento foi montado na principal praça da cidade com o objetivo único de conseguir um pedaço de chão.

> Os chamados Brasiguaios formaram, inicialmente, dois acampamentos, um em Mundo Novo (MS), com 992 famílias, e outro em Sete Quedas (MS), com 144 famílias, ambos em maio de 1985 [...], em agosto de 1985, mais 70 famílias formam um novo acampamento em Sete Quedas (MS), em dezembro, outras 85 famílias acamparam em Naviraí (MS), posteriormente estas famílias foram assentadas em Jateí (MS). Em dezembro de 1985 existiam quatro acampamentos de brasiguaios, envolvendo cerca de 1.500 famílias, no Estado de Mato Grosso do Sul. (SPRANDEL, 1992, p. 33-34).

Entretanto, o retorno dessa grande massa de brasiguaios foi estimulado também pelo PNRA (Plano Nacional de Reforma Agrária)[48] do então Presidente José Sarney que, segundo ele, iria assentar em torno de 1,4 milhões de famílias em quatro anos. Esse discurso vislumbrou um novo horizonte aos camponeses que passavam por dificuldades em solo guarani e que viam a expulsão cada dia mais provável. Esses camponeses, aproveitando a promessa do governo brasileiro de assentamento de milhares de famílias de sem-terra, regressaram.

Contudo, esse discurso do governo brasileiro fez com que o latifúndio se organizasse em torno da manutenção da concentração fundiária, fazendo o governo recuar da sua proposta.[49] Essa proposta política radical teve como contrapartida o surgimento, em junho de 1985, da UDR, entidade de direita que agrupava os proprietários rurais, sobretudo os grandes latifundiários e se propunha a defender com armas se preciso fosse a grande propriedade contra as "invasões". O objetivo dos brasiguaios era, acima de tudo, fugir da violência principalmente, das autoridades paraguaias, do subemprego, da exclusão da terra. Neste sentido, a luta pela terra coloca-se para esses camponeses brasiguaios excluídos como uma espécie de busca de um porto seguro, ou seja, como um meio adequado de garantir o sustento próprio e também o de suas famílias, longe da insegurança do emprego assalariado na cidade ou no campo.

A teoria do desenvovimento geográfico desigual do capitalismo é aqui empregada como uma ferramenta fundamental para a interpretação dos processos e relações analisados, e apreensão do movimento geral que está na base da modernização desigual e contraditória que caracteriza a sociedade. Ao estudar o sujeito social brasiguaio mobilizado na luta pela terra no Brasil, depois da expulsão do território paraguaio, deparei-me com a realidade de um trabalhador com complexa trajetória de vida, dividida entre o campo e a cidade, entre um país e outro, o verdadeiro: camponês de fronteira. Assim, constatei que a condição de instabilidade que tem caracterizado historicamente a existência de muitos trabalhadores de baixa renda no país está relacionada nos últimos vinte e cinco anos a um intenso movimento entre o trabalho no Paraguai e no Brasil bem como à centralidade do papel desempenhado pela família e suas estratégias de reprodução social.

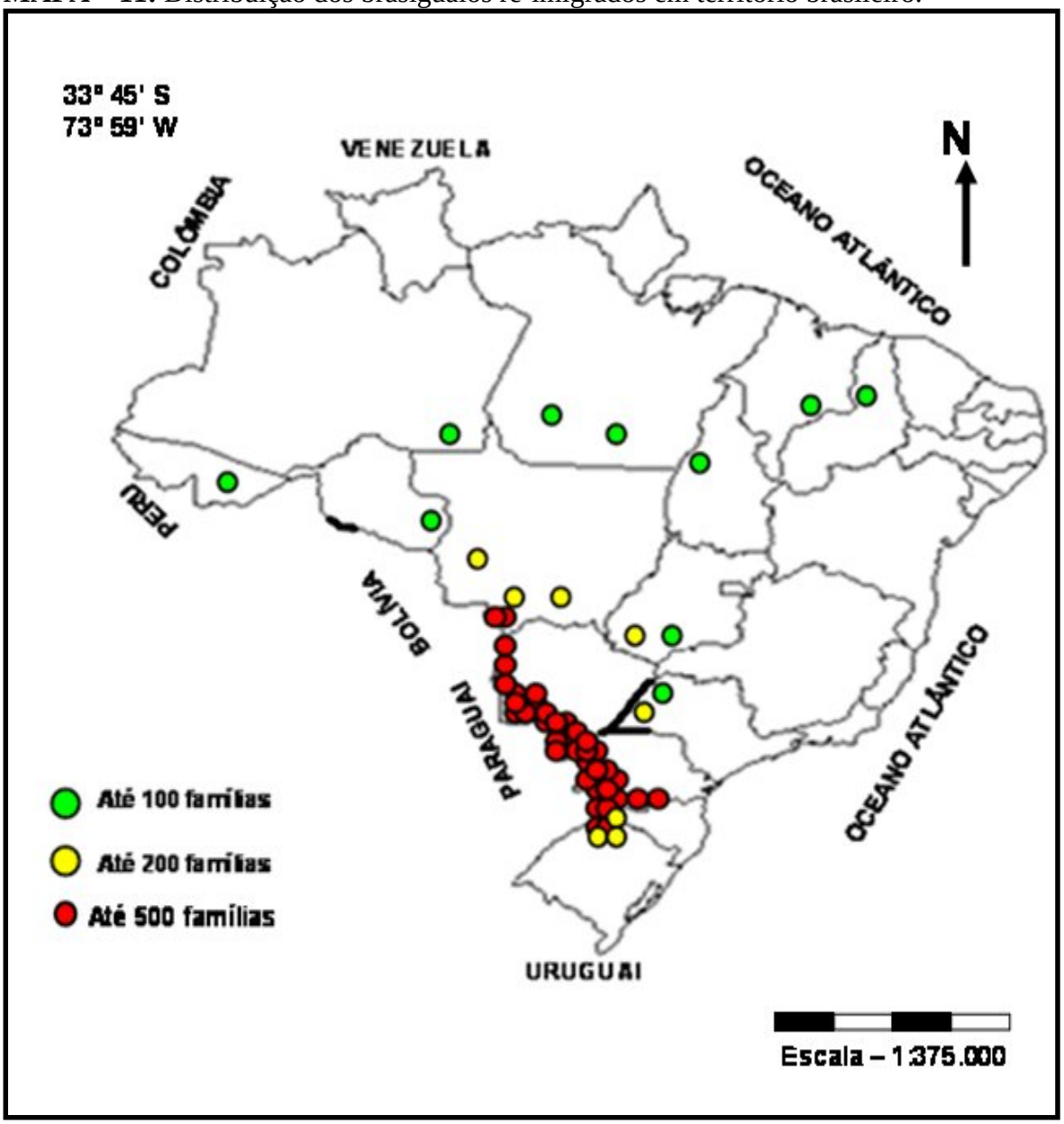
---

[48] Toda a política de reforma agrária do governo de José Sarney foi dominada pelo problema dos sem-terra e do confronto necessariamente radical que ele acarreta com os grandes proprietários, sem contar os temores que gera nos pequenos. (MARTINS, 1999, p. 152).

[49]Ver a obra de ALMEIDA, R, A. "(Re) criação do campesinato, identidade e distinção: A luta pela terra e o habitus de classe". (2006, 348 p).

No mapa 11 a seguir, um esquema da rota dos brasiguaios que retornam do Paraguai e, uma grande parcela do campo norte–alto–paranaense naquela época.

MAPA – 11: Distribuição dos brasiguaios re-imigrados em território brasileiro.



FONTE: Pastoral do Migrante (2006).
CONFECÇÃO E ELABORAÇÃO: FERRARI, C. A.

As formas como as resistências foram implementadas no meio rural brasileiro nesta época pelos chamados brasiguaios, abrem margem para a leitura que identifica em muitas dessas resistências elementos de dominação, subordinação e desagregação social, trazendo mais

problemas que soluções para os que aderem a esta prática, ou seja, os latifundiários. A partir da análise desta questão particular, foi possível perceber que as mesmas foram e, ainda vem sendo, caracterizadas pela ambivalência com que são vivenciadas por esses grupos de re-imigrantes.

Pode-se admitir e compreender, que foi através da resistência[50] que essa identidade se forjou, que esse sujeito se formou e tornou-se reconhecido pelos movimentos sociais e pela sociedade como um todo. Observa-se aqui que, em território nacional, mesmo unindo-se numa mesma categoria de trabalho, como, por exemplo, bóias-frias, meeiros, rendeiros, agregados, pequenos produtores, eles são camponeses, ou seja, trabalham no campo e, *"se envolve mais diretamente com os segredos da natureza"* (MOURA, 1986, p. 09).

Assim, o camponês é fruto do sistema capitalista, ele não está à margem do sistema e, enquanto classe, e aí estão incluídos os brasiguaios, é especificamente fruto da contradição. Nesse ponto de vista, devemos primar pela realidade, pois é aí que encontraremos a força do camponês brasiguaio, resistindo à expansão capitalista, mesmo que para isso tenha que lutar pelo acesso a terra de trabalho e, principalmente pela manutenção da própria vida. Da mesma forma, a abordagem da questão camponesa permite a apreensão das relações entre a família, o trabalho e a terra no sentido de identificar um tipo particular de camponês que são os brasiguaios, fortemente ligado à manutenção e à reprodução da identidade. No Paraguai e no Brasil, após tais acontecimentos, esses trabalhadores, principalmente os que não possuíam nenhuma terra, ficaram conhecidos como brasiguaios.

A complexidade da identidade, no caso dos brasiguaios, torna-se mais evidente, dentre outras coisas, por serem as lutas e resistências desenvolvidas em terras brasileiras. Apesar dos brasiguaios serem originários do Brasil, o país de origem acaba por se transformar em terra estrangeira, já que, depois de vinte ou trinta anos vivendo em outro território, a própria terra de origem se torna estranha ao povo brasiguaio e, é nessa terra que se desenvolveram as ações que culminaram com a identidade dos brasiguaios. Por outro lado, na região de *Alto Paraná* se alguma movimentação dos chamados brasiguaios for detectada, logo é suprimida pela policia. Além disso, no Paraguai, esses camponeses conviveram e muitos ainda convivem com o problema do conflito histórico entre paraguaios e migrantes brasileiros, acusados, dentre outras

[50] Resistência no caso dos brasiguaios nos remete ao fato de que esses camponeses foram expulsos do território paraguaio e retornaram para o Brasil em busca de terra de trabalho, eles se organizaram para obter terra, assim evidencia a resistência camponesa brasiguaia.

coisas, de imporem sua cultura, símbolos, língua, etc. Ao retornarem ao Brasil pelo Mato Grosso do Sul, esta era uma das preocupações dos primeiros re-imigrados brasiguaios, pois seus filhos e netos falavam a língua guarani e, isso poderia ser um agravante e gerar conflitos com a população da cidade de Mundo Novo, onde foi erguido o acampamento. Até mesmo muitos adultos falavam o guarani e o castelhano. Sobre a questão das identidades forjadas na fronteira, Grzybowski (1990, p. 55) destaca que.

> Este é um aspecto trágico do capitalismo selvagem e excludente [...], a oposição à violência e à arbitrariedade acaba moldando os próprios sujeitos das lutas. Muitos movimentos no campo se desenvolvem afirmando os direitos da lei instituída contra as práticas vigentes nas relações. O resgate dos direitos e da legalidade pelos trabalhadores em suas lutas molda a sua identidade coletiva.

Outro fator que merece atenção, ainda, é que esses camponeses, quando migraram para o país vizinho, perderam sua identidade de origem relacionada ao trabalho do campo no Brasil e acabaram, aos poucos, adquirindo uma nova identidade, a de brasiguaio, mesmo antes da popularidade que a consolidou.

Portanto, foi através das resistências às opressões desenvolvidas no campo que culminou com o retorno de milhares de camponeses do solo paraguaio e, por conseguinte, a generalização da identidade brasiguaia, alicerçada, ao mesmo tempo, na classe social a que pertenciam esses camponeses. No entanto, é correto afirmar que o chamado brasiguaio não abrange somente os trabalhadores rurais, do campo.

Os brasiguaios que atualmente são a maioria de trabalhadores do meio urbano nessa região do Paraguai eram, até finais dos anos 1980, camponeses que haviam perdido espaço no campo pela expansão das grandes propriedades monocultoras (agronegócio). Logo, muitos desses trabalhadores brasiguaios, sem condições de retornar ao Brasil, permaneceram em território guarani, no campo, como trabalhadores em alguma fazenda ou na cidade, servindo de mão-de-obra barata aos empresários e comerciantes da região. No censo de 1992, por exemplo, verificou-se que *"San Alberto é o distrito com o maior número de brasileiros no Alto Paraná, somando 6.920 residentes, sendo 1.232 na área urbana e 5.688 na área rural"* MENEGOTTO (2004, p. 65). Lembrando que os dados oficiais nem sempre condizem com a realidade, pois eles contabilizam somente os migrantes legais. Os dados censitários disponíveis em *Ciudad Del Este* são insuficientes para que se possa ter uma visão mais detalhada do índice populacional de

migrantes do *Departamento de Alto Paraná*, os dados aqui representados são dados qualitativos não sistemáticos (relatórios de igrejas, Pastoral do Migrante, notícias de jornais, etc).

Os brasiguaios residentes na área urbana, que, por conseguinte é imensamente maior que os dados oficiais, são, em sua quase totalidade, empregados braçais, dos silos, da construção civil, prefeitura, empresas agropecuárias, etc, logo, *"a exclusão é o sintoma grave de uma transformação social que vem rapidamente fazendo de todos os seres humanos seres descartáveis, reduzidos à condição de coisa, forma extrema de vivência da alienação e da coisificação da pessoa"*. (MARTINS, 2003, p. 20).

Por outro lado, verifica-se, ao menos na região que compreende o norte do *Departamento de Alto Paraná*, que existe uma diferença enorme, acredita-se que maior até que na região sul do *Departamento*, entre ser *"brasiguaio"* e ser *"brasileiro no Paraguai"*[51]. Por essa razão esta diferença merece ser mais bem explicitada. Os *"brasileiros no Paraguai"* são aqueles migrantes com condição financeira confortável, ao passo que os brasiguaios vivem na ameaça de perder o pequeno pedaço de terra, de perder o seu pequeno arrendamento, de perder o seu emprego na média e grande propriedade, de perder o emprego na cidade, enfim, são os que vivem à margem, ou seja, vivem de esperanças num futuro melhor. Vejamos o que demonstra a fala de Celir Wobetto, um brasiguaio empregado de um médio produtor rural na região de *Minga Porã*.

> Veja bem, eu sou brasiguaio, meu sogro não é. Eu sou empregado dele, não possuo terra, trabalho por mês e tenho porcentagem no fim da colheita. Quer dizer, o empregado, o pobre, aquele que não tem terra ou tem somente um pequeno pedaço, este sim é brasiguaio. Tem gente aqui que se você chamar de brasiguaio ele fica brabo, briga, não gosta, simplesmente porque brasiguaio é o que não tem nada[52].

Logo, de acordo com Lourival Maraskim médio produtor rural do distrito de *Minga Porã*.

> Eu tenho setenta alqueires aqui em *Minga Porã* e planto mais cem arrendados, ninguém me chama de brasiguaio aqui, nem mesmo o Comissário Brito. Aqui no Paraguai quem tem uma quantia boa de terra como eu não é chamado de brasiguaio, eu também não gosto de ser chamado de brasiguaio, tenho

---

[51] "Brasileiros no Paraguai" são os migrantes ricos, os grandes e médios produtores rurais, os empregados em setores administrativos dos silos, bancos, lojas, etc. Essas pessoas têm um preconceito contra os brasiguaios, apesar de serem todos migrantes do Brasil.

[52] WOBETTO, Celir. Entrevista concedida a Carlos Alberto Ferrari, no dia 01 de janeiro de 2008, na residência de seu sogro no distrito de Minga Porã.

> documentos do Brasil e do Paraguai. Brasiguaio é aqueles que não têm documentos, tem gente que não tem nem daqui nem de lá do Brasil, esse povo vive de ajuda dos outros, muitos não gostam de trabalhar, venderam a terra que tinham e hoje trabalham por aí. No Brasil quando me chamam de brasiguaio eu fico quieto, porque afinal nasci lá e vivo aqui, mas aqui eu não sou brasiguaio não, eu contribuo com o crescimento do país[53].

Ainda, conforme as considerações de Albuquerque (2007, p. 05)

> O termo "brasiguaio" não é aceito pelos brasileiros que tem algum recurso econômico ou poder político, pois a palavra está associada àqueles que não têm documentos, pobres, marginalizados, "pé-rapados". A não aceitação dessa categoria por esses setores que ascenderam socialmente simboliza um critério de distinção de classe.

Tal fato nos leva a concordar com Grzybowski (1990, p. 57), ao assegurar que *"os sujeitos que brotam com os movimentos, ou em organizações, pelas condições de direito a terra e aos meios de produção, provocam uma identidade social que exprime a sua inserção na divisão social do trabalho"*. Consideramos, assim, que a identidade não é forjada somente na esfera das representações, costumes, língua, nação, cultura, etc. Esta questão não é descartada, mas, é a classe social a que esse sujeito pertence que o fez ser *"brasiguaio"* ou *"brasileiro no Paraguai"*.

Portanto, é possível assegurar que a identidade é forjada na resistência em torno de um ideal comum a uma dada coletividade reprimida. No entanto, no caso dos brasiguaios, é a classe social que eles estão inseridos que identifica esses camponeses excluídos da terra. A expulsão da terra e a exclusão dos meios de produção fizeram com que os camponeses, hoje designados como brasiguaios, mobilizassem-se contra as injustiças a que foram submetidos no país vizinho, fazendo-os percorrer o caminho de volta ao Brasil. Nesse momento de retorno, foram recebidos com desprezo e preconceito no lado brasileiro, por isso é que a mobilização se fez necessária.

> Lá, como aqui, tinha que se submeter às regras de quartéis, à subserviência aos políticos da situação e, igualmente, eram marginalizados pela população ao redor. E eram obrigados a peregrinações em hospitais e postos de saúde, em busca de assistência médica. Como também não tinham acesso à educação e não participavam das decisões políticas". A organização aconteceu, principalmente para que fossem ouvidos e os órgãos governamentais brasileiros tomassem uma providência a respeito. (CORTÊZ, 1994, p. 80). [grifo nosso].

[53] MARASKIM, L. Entrevista concedida a Carlos Alberto Ferrari, no dia 31 de dezembro de 2007, em sua residência.

Apreendeu-se, no decorrer da pesquisa, através de conversas informais com empregados nas grandes e médias propriedades, funcionários de silos e trabalhadores na cidade, que os "brasiguaios" são, portanto, associados à classe camponesa marginalizada, são vistos como vítimas de uma dupla expulsão. Para a elite fundiária brasileira do lado de cá da fronteira ainda, como uma ameaça à ordem social dos estados brasileiros que fazem divisa com o Paraguai.

Assim, este trabalho deixa explícita a verdadeira identidade brasiguaia, ou seja, o camponês resistente, o trabalhador pobre das médias e grandes propriedades, diaristas, mensalistas, os trabalhadores do serviço pesado na cidade. Vale destacar que muitos dos brasiguaios que atualmente trabalham na cidade, eram, num passado não muito distante, pequenos agricultores que foram obrigados a vender sua propriedade para os grandes proprietários de terra ou, na pior das hipóteses, foram expulsos de suas propriedades. As cidades paraguaias da fronteira, principalmente *San Alberto* e *Ciudad Del Este* no norte do *Departamento* e *Santa Rita*, no sul, existe um contigente considerável de brasiguaios expulsos do campo paraguaio e, atualmente trabalham como empregados braçais, são milhares espalhados por todo o *Departamento*, gente que foi expulsa da terra de trabalho para ser incluída precariamente nas cidades. Deve-se reconhecer, no entanto, que a imprensa brasileira da fronteira do extremo-oeste-paranaense, mesmo que uma parte muito pequena, e alguns estudos acadêmicos, tendem a identificar os "brasiguaios" como sendo os ex-arrendatários, os bóias frias, os pequenos produtores rurais e, a maioria absoluta sem nenhuma documentação

Observou-se ainda, no trabalho de campo realizado na região, que a maioria absoluta dos proprietários dos silos e do comércio no meio urbano, são de propriedade de grandes proprietários de terra, os chamados *"brasileiros no Paraguai"*. Existem também as empresas internacionais, como, por exemplo, a Cargill, a Monsanto, a Agrofertil, ADM, Silos Norte Sur, que detem a grande parcela dos silos. No entanto, a partir do final da década de 1980 e início de 1990, a identidade brasiguaia popularizou-se nacional e internacionalmente. Primeiramente, construiu-se a identidade política, sendo o discurso principal a ausência da cidadania, tanto a brasileira como a paraguaia. Portanto, essa construção foi se fortalecendo, especialmente sobre o processo de dupla expulsão/exclusão.

> Estamos sem pátria e sem terra. Nem brasileiros (pois não temos nossos direitos reconhecidos) e nem paraguaios. Somos os brasiguaios e lutamos pelo direito de reingressar ao Brasil e dar aos nossos filhos uma pátria que os receba [...] temos o direito de sermos repatriados [...] Se não tivermos apoio nem garantia de

> nossos direitos, romperemos a primeira cerca, não só da fronteira, para fugir da marginalidade e da miséria em que nos querem atirar. (Apelo dos brasiguaios, Amambaí, 26 de maio de 1992 apud, SPRANDEL, 1992, p. 492).

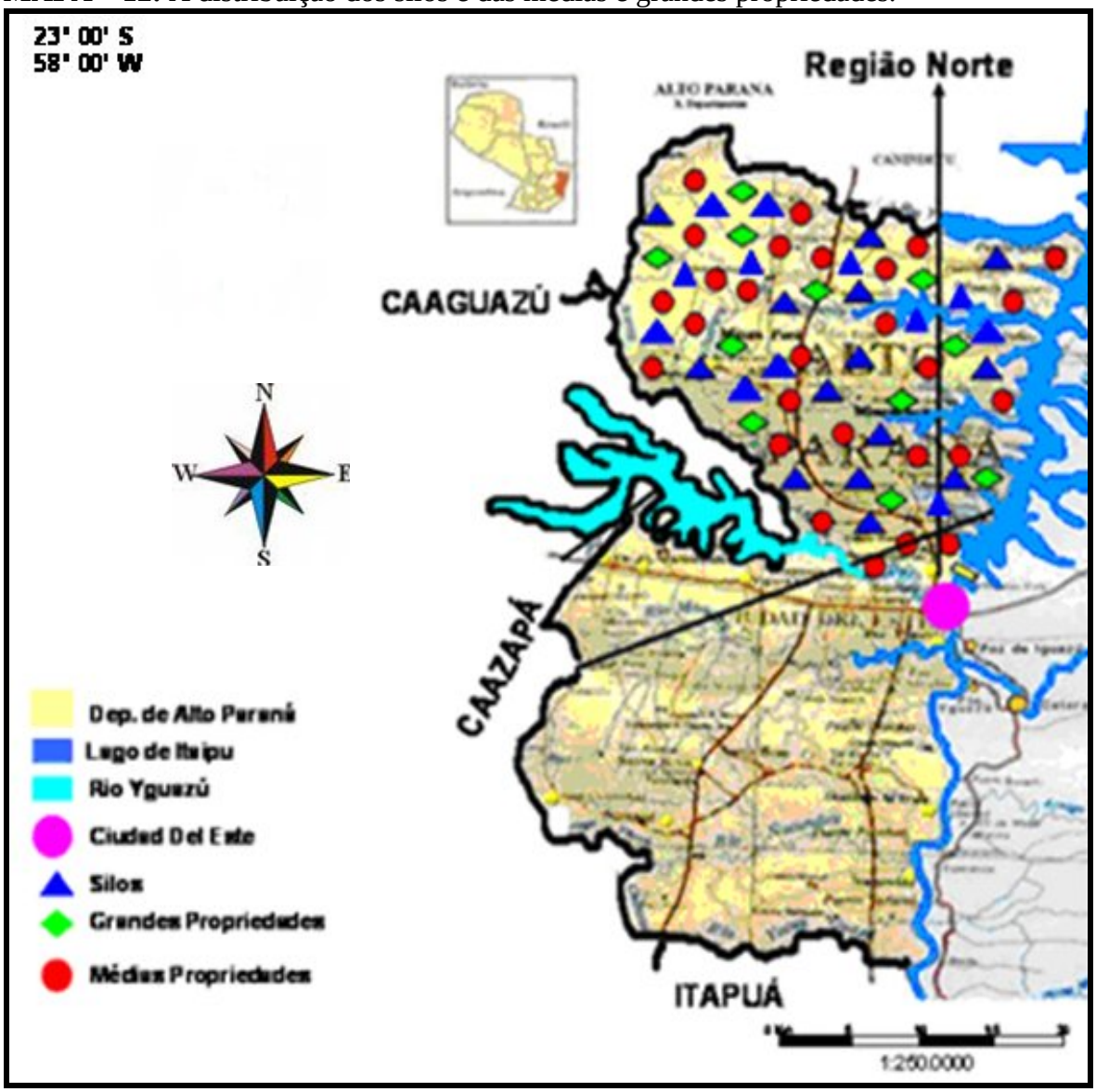
Deste modo, é de conhecimento, principalmente no meio acadêmico, que multiplicaram-se as direções dos movimentos migratórios em função do mercado da força de trabalho, da progressiva dissolução do mundo agrário, da crescente urbanização do mundo e da formação da fábrica global. Permanece, portanto, uma fronteira móvel, humana. (NODARI, apud, IANNI, 1998).

Assim, a fronteira que foi palco de lutas pelas indenizações de Itaipu faz-se presente mais uma vez na vida desses camponeses brasiguaios. A luta, neste momento, é pelo acesso à terra de trabalho em seu país de origem, ironicamente o mesmo país que os relegou apenas o deslocamento a outro país. É nesse sentido que as resistências ocorrem na fronteira: primeiramente, como brasileiros migrantes, posteriormente, como brasiguaios regressados. A este respeito, (MARTINS, 1997, p. 13) avalia:

> Fronteira de modo algum se reduz e se resume à fronteira geográfica. Ela é fronteira de muitas e diferentes coisas: fronteira da civilização (demarcada pela barbárie que nela se oculta), fronteira espacial, fronteira de culturas e visões de mundo, fronteira de etnias, fronteira da História e da historicidade do homem. E, sobretudo, fronteira do humano.

É evidente, portanto, que os brasiguaios são vítimas de um profundo preconceito existente nessa faixa de terra que se denomina fronteira leste paraguaia e extremo-oeste- paranaense. Trata-se de um preconceito existente em ambos os países, proveniente da sua condição de migrante pobre, ou seja, trabalhadores errantes que ora se fixam temporariamente no Paraguai, ora retornam ao Brasil em busca de melhores condições de trabalho, de vida, enfim, de sobrevivência. O que emerge do olhar do “brasiguaio” sobre si é a complexidade, a mutação e a dificuldade de traçar linhas de fronteira de uma identidade homogênea, com características partilhadas por todos. É nesse cenário que se inserem os“brasiguaios” errantes. No mapa 12 a seguir, vê-se a distribuição dos silos e das médias e grandes propriedades espalhadas na região norte do *Departamento de Alto Paraná*.

MAPA – 12: A distribuição dos silos e das médias e grandes propriedades.



FONTE: Trabalho de campo na região.
ELABORAÇÃO E CONFECÇÃO: FERRARI, C. A. (2008).

No Brasil, os brasiguaios são estigmatizados pelos setores constituídos da sociedade. Já em 1985, época dos primeiros retornos, foram classificados como “espertalhões”, “perigosos”, “estranhos”, “ameaçadores”, por toda a sociedade, pela elite política e, principalmente, pelos latifundiários, que se sentiam temerosos quanto a terem suas fazendas invadidas pelos chamados brasiguaios. Segundo (CORTÊZ, 1994, p. 80), *“fora dali (acampamento), as relações eram iguais e até piores que no país vizinho, a diferença estava na língua falada”*.

Por outro lado, quanto à inserção dos brasiguaios que permaneceram no Paraguai nos movimentos sociais daquele país, constatou-se no trabalho de campo que os brasiguaios que residem nessa região (norte) do *Departamento de Alto Paraná* não fazem parte de nenhum movimento social de luta pela terra, conforme aponta também o depoimento a seguir:

> Temos terra e trabalhamos aqui desde o início dos anos 1980, mudei pra cá em 1988, já ouvi falar que aqui nessa região existe um movimento de sem-terra. Mas, se existe, eu nunca vi, nem mesmo no tempo que as fazendas começaram a crescer, e os trabalhadores, os posseiros começaram a ir embora pro Brasil, nunca vi nenhuma pessoa dizer que faz parte de tal movimento ou acampamento. Sei que tem de verdade lá em *San Pedro* por lá, mas aqui, não sei não. [54]

Existem, entretanto, muitos brasiguaios que fazem parte desses movimentos, mas em outros departamentos, principalmente nos de *San Pedro, Itapuá e Concepción,* onde as organizações e os movimentos de luta pela terra são mais organizados. Vale destacar que nos referidos departamentos ainda é pequeno o número de grandes propriedades monocultoras, ao contrário da região norte do *Departamento de Alto Paraná* onde as grandes propriedades se expandiram na última década, em todo o *Departamento* o plantio de soja já ocupa 1.936.000 hectares. (FOGEL Y RIQUELME, 2005). Desta forma, os movimentos sociais são reprimidos, com a proteção, evidentemente, das autoridades militares paraguaias, sendo que entre esses militares existem muitos latifundiários que conseguiram grandes propriedades rurais durante a ditadura de Stroessner somente por ter servido o país.

Na região dos silos[55] (somente na região de *San Alberto, Mbaracayú e Minga Porã,* distritos próximos, existem aproximadamente 20 silos ou mais), fazendo parte ou não de movimentos de luta pela terra, camponeses pobres carregaram consigo a identidade de brasiguaio. Nas grandes e médias propriedades, vêem-se poucos paraguaios trabalhando. Eles, diferentemente, ao longo das últimas cinco décadas carregam o estereótipo de preguiçosos. Os

---

[54] MARASKIM, Moacir. Entrevista concedida a Carlos Alberto Ferrari, no dia 31 de dezembro de 2007, em sua residência.

[55] Silos são as cerealistas que compram os produtos dos agricultores e, também uma espécie de banco que empresta dinheiro aos agricultores. Geralmente, esses silos são de propriedade de grandes fazendeiros brasileiros ou de alguma empresa multinacional.

grandes e médios proprietários preferem os brasiguaios, por terem uma intimidade maior com a terra e pelo fato de serem estrangeiros e não terem direitos trabalhistas e nem possibilidades de reivindicação. Nessa região do *Departamento de Alto Paraná*, a população de paraguaios atinge apenas 20%. Os trabalhadores brasiguaios de origem rio-grandense, catarinense e paranaense formam a base para a reprodução do agronegócio que tomou conta do campo nessa faixa da fronteira.

Os chamados estrangeiros, brasileiros, japoneses, chineses e outras etnias representam aproximadamente 40% da população total de todo o *Departamento de Alto Paraná*. A região norte é onde se concentra o maior número de brasileiros. Em alguns distritos, como, por exemplo, *San Alberto*, essa porcentagem chega a 80%. No entanto, a população paraguaia é bem maior na capital, *Ciudad Del Este* e em *Hernandárias*, no norte, bem como no restante do *Departamento*, à exceção de alguns distritos ao sul, como *Naranjal* e *Santa Rita*. Vale destacar que as maiores concentrações de pessoas estão em *Ciudad Del Este*, que conta com cerca de 380.000 habitantes, e em *Hernandárias*, com 80.000, sendo a população paraguaia que a sobressai, principalmente em *Hernandarias*. Na capital *Ciudad Del Este*, a população de brasileiros e brasiguaios se concentra mais no centro comercial, diminuindo-se consideravelmente fora dessa área.

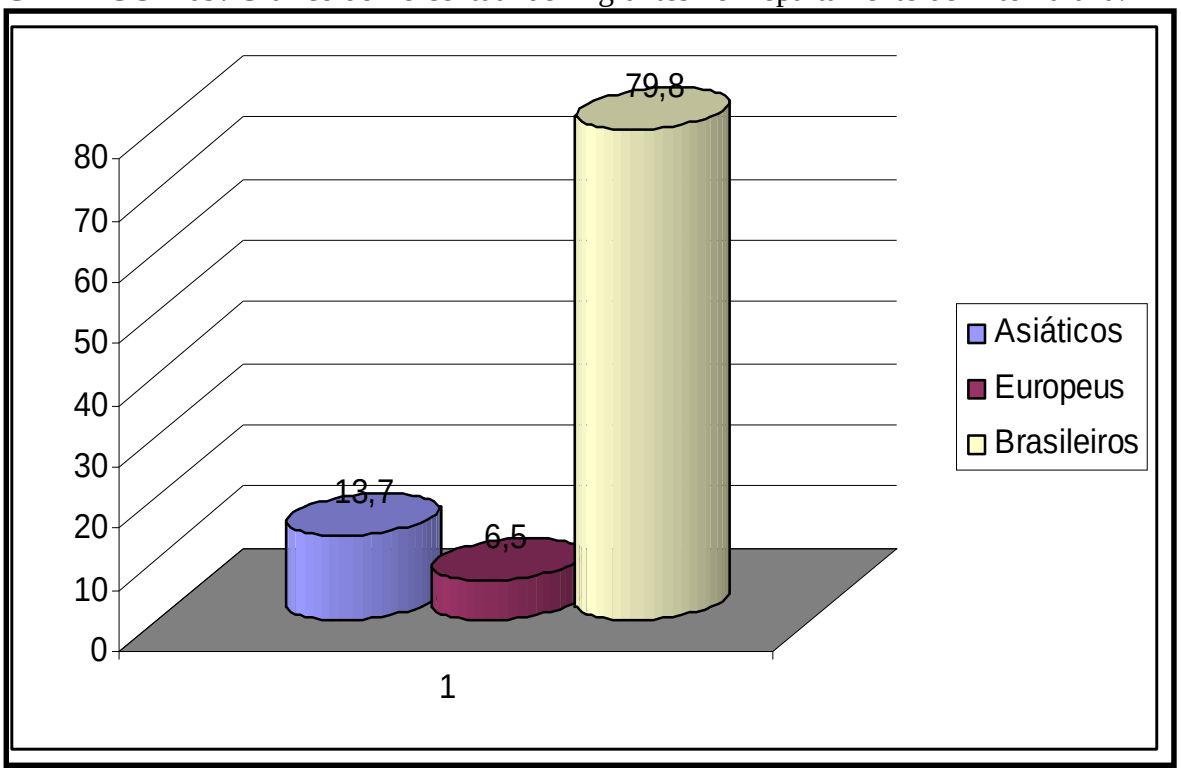
Ao mesmo tempo, quando analisamos a população rural, do interior, os estrangeiros somam 71%, sendo os brasileiros a maioria absoluta de migrantes. O *Departamento de Alto Paraná* tem experimentado uma mudança bastante interessante com relação a outros Departamentos. A explosão demográfica foi uma constante e determinou, para que a região se convertesse em um pólo de atração, um fluxo migratório que se desenvolveu de forma ininterrupta entre os anos de 1970 a 1985. O crescimento, especialmente no interior e na capital, seguiu crescendo em proporção geométrica nesses anos, o Censo de 1982 contabilizou uma população de 206.940 e o de 1992 se chegou a 456.995 habitantes (SILVA, 2007). Deve-se levar em consideração que os números do censo paraguaio não são confiáveis porque não contabiliza a população ilegal que no *Departamento*, no que compete a regiao norte, essa população é aproximadamente o dobro da contagem oficial.

De fato, a comunidade de brasileiros que vivem nessa região do Paraguai (*Departamento de Alto Paraná*), é maior de que a de muitas cidades paranaenses. Os brasiguaios somam mais habitantes, por exemplo, do que Londrina, Maringá, Ponta Grossa, Foz do Iguaçu e Cascavel, as

cinco maiores cidades do Estado, somente Curitiba tem mais população do que os brasiguaios representam nessa região da faixa leste paraguaia.

No gráfico a seguir, uma esquematização da porcentagem de migrantes que vivem no *Departamento de Alto Paraná.* Relembrando que a maior concentração de brasiguaios é no interior do *Departamento*. Os brasiguaios começaram a povoar as áreas urbanas com maior intensidade a partir da década de 1990, mesmo assim a população brasiguaia urbana é infinitamente menor que a da área rural. Na área urbana concentra os migrantes de classe média e, em menor proporção da classe alta e são conhecidos como "brasileiros no Paraguai".

GRÁFICO – 09: Gráfico do Percentual de migrantes no Departamento de Alto Paraná.



FONTE: (SILVA, 2007).
ELABORAÇÃO E CONFECÇÃO: FERRARI, C. A.

A localização dos grupos de migrantes - na zona rural ou urbana - relaciona-se diretamente com a função da atividade econômica que os caracteriza. Dos que se dedicam a atividades comerciais e de serviços nas cidades, destacam-se os coreanos, os árabes e os chineses. Argentinos e migrantes do restante da América do Sul, em sua maioria chilenos e uruguaios, também ocupam as áreas urbanas, porém em menor proporção.

Observando-se o gráfico, percebe-se nitidamente que os “brasiguaios” e, também os “brasileiros no Paraguai”, são a maioria em todo o *Departamento*. Dessa porcentagem a maioria absoluta está dentre os que se ocupam de atividades agropecuárias. Nessa região do Paraguai os migrantes do Brasil recebem a denominação de *brasiguaios* e/ou *brasileiros no Paraguai*, depende a situação econômica de cada um, esta última categoria formada por médios produtores rurais e altos funcionários dos silos e de empresas estrangeiras, além, lógicamente, dos grandes proprietários de terra. Reforçando que os chamados “brasileiros no Paraguai”, principalmente os grandes proprietários de terra, a maioria prefere viver no Brasil.

> En cuanto al origen de estos inmigrantes, se observa que la mayor parte proceden de los países que limitam con el departamento: Brasil y Argentina. La presencia de brasileños supera ampliamente a todas las otras nacionalidades; de cada 100 extranjeros 86 son oriundos del Brasil. Los argentinos, le siguen en segundo lugar, pero con ponderación muy inferior (7,5%). El resto, integrado por una gran gama de países apenas suman un 7%, destcándose entre estos los chinos, los de Oriente Medio, coreanos, japoneses, libaneses, árabes, sírios, palestinos, índios, blangladesh y otros. (SILVA, 2007, p, 146).

Por outro lado, os brasiguaios que vivem nessa região do Paraguai formam uma categoria de sujeitos excluídos da terra e dos meios de produção, já que o direito à terra, ao estudo e, conseqüentemente, a uma vida melhor, foram negados a eles, tanto no Brasil, como no Paraguai.

Os brasiguaios expulsos da terra atualmente vendem sua força de trabalho em alguma média ou grande propriedade ou no meio urbano, mesmo sob as condições já descritas, vivem em condições sociais melhores que os camponeses brasileiros sem-terra no Brasil. Ao percorrermos a região norte do *Alto Paraná*, dialogando com os brasiguaios sobre a questão agrária no país e sobre suas condições de vida, percebemos que eles, apesar de toda a opressão já sofrida por parte dos campesinos exógenos e, principalmente, das autoridades paraguaias, preferem viver no Paraguai. Vê-se, a precária situação em que vivem esses migrantes no Paraguai, sua luta pela sobrevivência luta também daqueles repatriados para uma reintegração no Brasil, pois eles sabem como é difícil o retorno, mesmo se as condições fossem melhores do que vivem atualmente no país vizinho.

Na figura 7 a seguir, um silo da Cargill, ícone do agronegócio excludente, na divisa dos distritos de *Minga Porã* e *San Alberto.*

FIGURA – 07: Silo da Cargill no distrito de San Alberto.

FONTE: FERRARI, C. A. (2006).

Jackson Morales, paraguaio de nascimento, mas, brasileiro de registro, estudante do curso de Turismo da Unioeste, nasceu e viveu até os dezoito anos de idade na região de *Hernandarias*, apesar do sobrenome o pai de Jackson é brasileiro legítimo, aliás, brasiguaio, já que possui uma pequena propriedade no distrito de *Santa Fé Del Paraná*. Em uma entrevista na casa de seu pai ele relata:

> Eu sinceramente agora estou bem aqui, ou melhor, lá em Foz onde moro com minha Irmã, mas meu pai prefere viver aqui no Paraguai, ele tem esse pedaço de terra e leva uma vida até boa. Se um dia não tiver mais jeito ele se muda pro Brasil de novo fazer o quê, ele diz que se ele for mudar daqui vai para São Gabriel do Oeste no Mato Grosso do Sul, sua terra natal. Além disso, no sitio tem um pomar tem três vaquinha de leite, onde ele e minha mãe fazem queijo pra vender, aliás, os pequenos colonos daqui que eu conheço todos fazem queijo pra complementar a renda, tem porco, galinha e tudo quanto é criação. A verdade é que eu estou bem agora, senão voltava de novo a viver aqui, tenho consciência que nós, imigrantes, não temos direitos trabalhistas e já sofremos com as ameaças dos campesinos. Mas, em compensação, a vida, apesar de tudo, é melhor que no Brasil pra quem vive da roça. Eu acho que levei sorte, minha irmã tem uma relojoaria e eu trabalho com ela e meu cunhado, estou estudando, estou bem por

> enquanto, mas se não fosse isso, voltava com meu pai, porque para o pobre trabalhar na roça no Paraguai é melhor que no Brasil.[56]

A expulsão/exclusão de grande parte dos brasiguaios é praticada ainda, com uma violência desmedida pelas autoridades paraguaias, com muitos casos de espancamento, humilhação e prisão, isso não faz parte do passado, essas ações acontecem ainda hoje nessa região do *Alto Paraná* como em todo o *Departamento*, logicamente que em menor proporção que no passado, porque as grandes propriedades praticamente já tomaram conta de quase toda a região e o número de camponeses diminuiu nas últimas décadas. Por outro lado, os conflitos nessa zona de fronteira sempre existiram, porém, nas últimas duas décadas, tem sido marcado pela atrocidade cada vez mais violenta das autoridades paraguaias. Essa violência marcou o *Departamento de Alto Paraná* principalmente, no final da década de 1980, a década de 1990 e vem marcando ainda neste início de século XXI. Com a expansão das grandes propriedades na região, estas ações passaram a ser mais constantes em *Departamentos* limítrofes com o *Alto Paraná*, como *Caaguazú* e *Itapuá* que ainda predomina a pequena propriedade brasiguaia e paraguaia. *"A sociedade da promessa da integração [...] vem se firmando como a sociedade da incerteza e do medo"* (MARTINS, 2003, p. 20).

Concomitante a isso, os camponeses brasiguaios itinerantes, os chamados sem-terra, diaristas ou mensalistas, que vivem e trabalham principalmente nas médias propriedades da região do *Alto Paraná*, apesar da exploração verificada, principalmente pela falta de direitos trabalhistas e pela truculência das autoridades paraguaias, chegando ao cúmulo dos brasiguaios serem obrigados a terem (*permiso*) [57] permissão até para andar de bicicleta, estão nesta situação por não terem como retornar ao Brasil, ou ainda, não retornam porque sabem que ou irão morar na periferia (leia-se favela), ou ingressar no MST e viver em acampamentos debaixo de lonas pretas, ou seja, em condições piores que as vividas no vizinho país. Os brasiguaios que vivem e trabalham nas médias e grandes propriedades no Paraguai, acabam se submetendo a exploração, pela falta de seus direitos trabalhistas, porque os proprietários de terra fazem questão de construir

---

[56] MORALES, J. J. Entrevista concedida a Carlos Alberto Ferrari, no dia 02 de abril de 2008, na residência de seus pais em Hernandarias.

[57] O "permiso" é concedido com vencimentos que variam entre 15 (quinze) e 90 (noventa) dias, e, com os agravantes de depender da avaliação do "inspetor de migraciones" da aduana paraguaia e de uma taxa 12 (doze) reais. Tais documentos não têm renovação imediata ou automática, o procedimento normal é entregá-lo até três dias antes de seu vencimento e o próximo "permiso" ser obtido um dia depois. Se for considerada como uma renovação, pelo inspetor, a taxa pode chegar a 150 (cento e cinqüenta) reais. APMT – (Agência Presbiteriana de Missões Transculturais, 2009).

a casinha do brasiguaio e, também, de delegar um pedaço de terra para o plantio de culturas de autoconsumo. Não que esses fazendeiros são bons com os brasiguaios, mas eles sabem que no Brasil a vida desses trabalhadores seria ainda muito pior. Por isso.

> Esse modo de produção se nutre de realidades não-capitalistas; e esse processo desigual não pode ser entendido como incapacidade histórica de superação, ele demonstra as condições criadas pelo próprio desenvolvimento do modo capitalista de produção. É a marcha do seu desenvolvimento que redefine antigas relações de produção, cria condições contraditórias para a sua reprodução, engendrando relações não-capitalistas de produção igual e contraditoriamente necessárias a essa mesma reprodução. (OLIVEIRA, 1996, p. 139).

Na figura 7 a seguir, a casa do peão brasiguaio no interior de uma média propriedade no distrito de *Minga Porã*.

FIGURA – 08: Moradia de brasiguaio em uma média propriedade no distrito de Minga Porã.

FONTE: FERRARI, C. A. (2006).

No trabalho realizado percebeu-se, entre os empregados brasiguaios e os médios produtores, já que o grande produtor geralmente nunca é encontrado na região, uma intimidade

muito grande com o trabalho, fruto de uma cultura protestante européia que edifica o trabalho acima de tudo. Nesse sentido,

> Al parecer, los pequeños agricultores del Sur de Brasil van al Paraguay con uma especie de misión civilizadora de implementar una ética de trabajo en aquellas regiones. Este mito del trabajo está asociado a la propia tradición de estos inmigrantes, pues muchos de los inmigrantes brasileños en Paraguay son descendientes de inmigrantes italianos y alemanes en el Sur de Brasil, y que sus abuelos o bisabuelos también hacían la misma exaltación al trabajo y decían que los brasileños no sabían trabajar. Vale destacar el hecho de que la condición de inmigrante, independiente de una ética religiosa de valorización del trabajo, tiende a romper con uma cultura tradicionalista y valorizar el trabajo como condición para acumular riquezas. (FOGEL e RIQUELME, 2005, p. 167).

Não obstante, os brasiguaios viviam uma aparente tranqüilidade em território paraguaio até o final da década de 1980. Todavia, essa aparente tranqüilidade transformou-se numa séria ameaça com a implementação do agronegócio, ou seja, com a expansão das grandes propriedades da soja e, coincidentemente, com o fim da ditadura Stroessner. Mesmo sendo dos migrantes do Brasil os méritos da grande produção de grãos que elevou o país à categoria de grande produtor mundial da leguminosa, o agronegócio selecionou os trabalhadores, ou seja, onde havia trabalho para 50 trabalhadores (leia-se brasiguaios) numa grande propriedade, com a aplicação de novas técnicas e insumos, restou trabalho para cinco ou, no máximo, dez empregados: um decréscimo de 90% de mão-de-obra camponesa. No meio urbano, não é muito diferente, muitos brasiguaios perderam o emprego, principalmente nos silos, devido às tecnologias modernas empregadas nessas empresas, como por exemplo, no descarregamento de grãos, onde ocupava cinco ou seis trabalhadores para descarregar uma carreta, atualmente ocupa somente um trabalhador ou no máximo dois.

São esses brasiguaios excluídos que perambulam pela fronteira e pelas periferias das cidades marginais à procura de trabalho e reprodução, a partir daí, *"se manifestam na vida dos migrantes as contradições da concentração fundiária e a importância anômala que nesse capitalismo periférico tem a renda da terra [...], gerar grandes contingentes de pessoas inadaptadas aos desafios da vida urbana". (*MARTINS, 2003, p. 141).

O primeiro grande golpe sofrido pelos brasiguaios que, por conseguinte, abalou as estruturas e feriu principalmente o direito adquirido dos pequenos camponeses brasiguaios, ocorreu no dia 19 de junho de 1989, no apagar das luzes do ano legislativo paraguaio. Segundo os estudos de Alves (1990):

> O Senado aprovou o Projeto de Lei do Senador Rodolfo González Garabelli, do oposicionista Partido Liberal Radical Autentico – PLRA [...]. Estabelecendo-se uma "faixa de segurança" de 50 quilômetros de largura nas fronteiras territoriais da República Guarani [...]. No centro da polêmica encontram-se os brasiguaios na mira de críticas contundentes nas camadas mais jovens e nos meios universitários, principais incentivadores e militantes ferrenhos da oposição, e os grandes alicerces políticos do PLRA. (ALVES, 1990, p. 15-16).

Ainda sobre essa questão especifica Ramón Fogel e Marcial A. Riquelme completam.

> El proyecto define una franja de 50 km de frontera a partir del limite internacional como área exclusiva para los paraguayos. Essa propuesta representa una reacción al Estatuto Agrario de 1963, que permitía a cualquier extranjero comprar tierras en la frontera. En 1989 el proyecto fue rechazado. Em 2002, nuevamente este proyecto entra en discusión, incluso siendo aprobado en la Câmara de los diputados y rechazado por los senadores (KEU, 2002). Ahora hay una reformulación de este proyecto, no se trata más de expropiar a los extranjeros que ya tienen propiedades en esta franja, pero estos no pueden vender sus propiedades para otros extranjeros. (FOGEL y RIQUELME, 2005, p.156).

Os brasiguaios, na sua ampla maioria de pequenos agricultores ao longo da fronteira com o extremo-oeste-paranaense, do lado paraguaio os Departamentos de *Alto Paraná*, *Canindeyú* e *Amambay* que compreendem toda a faixa leste totalizando cerca de 40 mil quilômetros quadrados, ficam em alerta quando esta questão entra na pauta de discussão. Segundo o projeto de lei, os estrangeiros que, principalmente na região rural de *Alto Paraná* é quase que totalmente de migrantes brasileiros e, os brasiguaios são a maioria absoluta, não poderão ser proprietários de imóveis rurais e urbanos localizados dentro da chamada faixa de segurança (ALVES, 1990). Atualmente com a eleição de Fernando Lugo, essa questão, esquecida desde 2002, volta a fazer parte das discussões especialmente, nos meios midiáticos paraguaios, colocando a população migrante mais uma vez em alerta máximo.

Verdadeiramente, esse projeto de lei serve principalmente como moeda de troca para os políticos paraguaios fazerem pressão sobre o governo brasileiro quando estão envolvidos interesses econômicos. Por exemplo, em 2002, o Brasil teria proibido a entrada de carne de gado do Paraguai por causa da febre aftosa, então o projeto entrou tão rápido quanto possível na pauta de discussão, sendo engavetado em seguida.

No entanto, é de conhecimento público que essas questões são patrocinadas pela elite fundiárias conservadora que habita aquele país, proncipalmente os grandes proprietários brasileiros. A verdade é que a ditadura brasileira exportou os brasileiros para a ditadura paraguaia e a democracia paraguaia está mandando de volta os brasiguaios para a democracia brasileira.

Entretanto, criar políticas públicas para uma região de fronteira é uma questão muito delicada, pois envolve interesses de diferentes Estados, elementos espaciais e legislações de países distintos. O fato de muitos brasileiros estarem na Tríplice Fronteira dificulta ainda mais as representações sobre os brasileiros e, principalmente os brasiguaios que vivem nessa região do Paraguai. (SPRANDEL, 1992).

3.2. CONFLITOS, PRECONCEITO E RETORNO DOS BRASIGUAIOS.

Em relação aos conflitos e à conflitualidade[58] entre brasiguaios e paraguaios e o preconceito entre *"brasiguaios"* e *"brasileiros no Paraguai"*, pode-se alegar que são as diferentes situações de fronteira que se apresentam na vida dos migrantes, neste caso, experimentadas pelos brasiguaios. Essas diferentes situações se originam a partir de grandes deslocamentos de pessoas de classes sociais distintas para certo espaço geográfico, onde a população autóctone, que neste caso especifico, com uma desvantagem numérica considerável, tenta preservar de todas as maneiras sua cultura, seus costumes e, principalmente a terra de trabalho.

[58] Um conflito por terra é um confronto entre classes sociais, entre modelos de desenvolvimento, por territórios. O conflito pode ser enfrentado a partir da conjugação de forças que disputam ideologias para convencerem ou derrotarem as forças opostas. Um conflito pode ser esmagado ou pode ser resolvido, entretanto, a conflitualidade, não. Nenhuma força ou poder pode esmagá-la, chaciná-la, massacrá-la. Ela permanece fixada na estrutura da sociedade, em diferentes espaços, aguardando o tempo de volta, das condições políticas de manifestações dos direitos. [...] Os acordos, pactos e tréguas definidos em negociações podem resolver ou adiar conflitos, mas não acabam com a conflitualidade, porque essa é produzida e alimentada dia-a-dia pelo desenvolvimento desigual do capitalismo. *Portanto, a conflitualidade é o processo de enfrentamento ininterrupto alimentado pelo caráter estrutural do capitalismo que gera concentração de riqueza de um lado e, conseqüentemente, a expansão da pobreza e da miséria do outro.* (FERNANDES, 2004, p. 26) [o grifo é nosso].

Conflitos entre paraguaios e camponeses migrantes brasileiros e, principalmente, entre estes e as autoridades paraguaias, são históricos, remontam de épocas distantes, reflexos de um passado de guerra entre os dois países. Durante as décadas de 1950/60 quando começaram os primeiros deslocamentos, ainda que insignificantes, os conflitos eram de pequenas proporções. Com a intensificação dos deslocamentos a partir do final da década de 1960, devido principalmente à modernização do campo brasileiro e a construção da Ponte da Amizade (1962/65), conseqüentemente os conflitos aumentaram. No final da década de 1970 e início de 1980, momento que foi imposto a uma grande massa desapropriada pela Usina Hidrelétrica de Itaipu o deslocamento para o Paraguai, os conflitos se multiplicaram.

> Os interesses dos chefes políticos e seus séquitos repousam nas benesses que tiram ao utilizar as instituições públicas para defender e proteger o latifúndio criminoso. Principalmente na fronteira, onde a lei segue e obedece à truculência do mais forte. Onde a divisa entre a criminalidade da violência e a sua institucionalização é estabelecida e moldada de acordo com as conveniências políticas do momento e a subserviência de juízes e delegados. (CORTÊZ, 1994, p. 190).

Nesse sentido, os paraguaios acusam os brasiguaios de formação de enclaves etno-culturais[59] na sociedade paraguaia. Deste modo, as contendas sociais inviabilizam uma possível integração entre paraguaios e brasiguaios. Outra questão é o conflito de terras, a sensação de ser visto como invasores tem caracterizado um clima tenso entre os campesinos e os brasiguaios. Enfim, a concentração de grande massa de migrantes do Brasil nessa área fronteiriça contribuiu para fazer com que predominassem a língua, as músicas, as tradições culturais etc., que acabam gerando reações do povo paraguaio.

Verifica-se, também, o forte poder econômico, político, cultural e, também, o poder simbólico[60], exercido nessa faixa de fronteira pelos migrantes ricos, os conhecidos *"brasileiros no Paraguai"*. Contraditoriamente, são os *brasiguaios*, devido a serem maioria em relação a *"brasileiros no Paraguai"* que são apontados como os responsáveis pela introdução da cultura,

---

[59] Do Gr.Éthnos, raça + cultura – do Lat. As origens, línguas, religiões, costumes, etc. desenvolvimento intelectual; conjunto de padrões de comportamento, das crenças, das instituições e de outros valores morais e materiais, característicos de uma sociedade; civilização.

[60] O poder simbólico é o primeiro de um conjunto de ensaios onde sobressai uma reflexão sobre o oficio de sociólogo, um aprofundamento dos conceitos de hábitos, campo, identidade e representação, um estudo sistemático do campo político, do campo jurídico e do campo artístico. O poder simbólico é esse poder invisível, o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem. Poder quase mágico, que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário. (BOURDIEU, 1998).

das músicas, enfim, os brasiguaios é que são acusados pela diluição da cultura paraguaia, produzindo com isso uma reação violenta dos paraguaios, não somente dos campesinos, mas também de alguns políticos esquerdistas, de alguns intelectuais e de religiosos, causando, assim, disputas de identidades e representações variadas entre, principalmente, brasiguaios e paraguaios. Uma ação relacional frente à alteridade, já que as identidades são construídas pelos sujeitos nas relações espaço, tempo e lutas.

> A ganância das classes dominantes e a prepotência e boçalidade dos regimes ditatoriais nos dois países movimentaram uma massa humana de meio milhão de pessoas, ou mais, pois não há controle censitário, para uma região estrategicamente importante, pela sua localização geográfica, recursos hidrográficos e solo fértil, semeando uma complexidade de problemas e atritos para o futuro. A expressão humana dessa complexidade são os brasiguaios, que encerram uma crise de identidade nacional na região. (CORTÊZ, 1994, p. 37).

Portanto, a ambivalência dos conflitos é a realidade que caracteriza essa região do *Departamento de Alto Paraná* e todo o resto do *Departamento*. De um lado, os brasiguaios com suas influências culturais, de outro, os paraguaios construindo formas de resistências ao avanço dos migrantes e de suas culturas.

Logo, a imposição do poder dos migrantes, principalmente o poder cultural, gera conflitos nesse mundo social que teve sua origem na abertura da fronteira perpetrada pelo Presidente Alfredo Stroessner. Com essa abertura, grandes levas de migrantes ocuparam o campo paraguaio, provocando, assim, a reação da população autóctone.

> Los conflictos actuales, que involucran a brasiguayos e campesinos, son resultados de este frente del expansión econômico, político, cultural y simbolico de la sociedad brasileña en territorio paraguayo y de la reacción actual del campesino a esta inmigración brasileña. Debido la grave situación social de los campesinos en la sociedad paraguaya y la gran cantidad de propiedades en las manos de inmigrantes, aquellos tienden a transformar la lucha de clases en una disputa de nacionalidades, consolidando un discurso nacionalista contra los extranjeros. (FOGEL y RIQUELME, 2005, p. 150-151).

Contudo, esses conflitos tornaram-se mais violentos a partir da segunda metade da década de 1980, nos últimos anos da ditadura Stroessner que, de alguma forma, protegia os migrantes, tanto os "*brasileiros no Paraguai*" como os "*brasiguaios*". A partir de 1990, com a instituição da democracia, iniciou-se o drama dos camponeses brasiguaios que haviam

permanecido no país após ter-se iniciado o regresso organizado em meados dos anos 1980 (1985/86).

As investidas dos “campesinos” se tornaram mais violentas. Essa violência desmedida como, por exemplo, queima da produção e das benfeitorias, morte de animais e destruição dos maquinários, culminou com a ascensão do agronegócio na região, como também em outros pontos do *Departamento de Alto Paraná*, provocando, por conseguinte, o esvaziamento da população camponesa brasiguaia.

Neste contexto, vale destacar que os campesinos que estão organizados nos movimentos de trabalhadores rurais existentes no Paraguai, ocupam somente terras improdutivas, não necessariamente de camponeses brasiguaios. Pelo que foi possível observar na pesquisa de campo, os campesinos que promovem pressões e ameaças aos camponeses brasiguaios não são campesinos organizados em movimentos de luta pela terra. Ao que tudo indica, eles estão a serviço de pessoas ou empresas interessadas na expulsão dos camponeses brasiguaios, sempre apoiados pelas autoridades paraguaias constituídas. Conseqüentemente, os campesinos ignoram toda e qualquer comunidade, causando terror entre os camponeses brasiguaios.

> São várias as pressões: expulsões, perseguições, destruição de bens, confisco de maquinários, queima de casas, destruição das lavouras, confisco de colheitas, espancamentos e torturas contra agricultores, pequenos comerciantes, donos de oficinas de consertos de maquinários agrícolas, professores, padres, índios [...], sempre com o apoio de autoridades e da força policial. E, na ausência de policiais, havia jagunços suficientes para dar conta do serviço. (CORTÊZ, 1994, p, 141).

No entanto, os campesinos que praticam tais atos são os mesmos, ou filhos e netos destes, que foram expulsos de suas terras pelos grandes proprietários “pseudocolonizadores”, formados, em sua maioria, por brasileiros. No início da década de 1970 os campesinos acabaram vendendo seus pequenos roçados forçados pelo preço, geralmente um pouco acima do valor real oferecido pelos pseudocolonizadores, deste modo não tendo condições para adquirir outra terra, passaram a viver nas periferias de cidades paraguaias da região norte oriental como *Ciudad Del Este, San Alberto, Hernadárias*, dentre outras.

> Eu, na época que morava no Paraguai, *San Ramón*, aliás, eu sou paraguaio legítimo, nasci no *Departamento de Neembucú*. Na época eu possuía um pequeno roçado em San Ramón e apesar das ofertas boas dos brasileiros eu não vendi. Lá em San Ramón nunca fomos perturbados por campesinos., talvez

> porque eu seja paraguaio né. Porém, tenho um amigo brasileiro por nome de Luis Schimelli, que atualmente mora aqui no Paraná, que tinha 25 hectares em *Mbaracayú* e teve que sair porque os campesinos prometeram que, se ele não saísse, iriam queimar tudo, matar os animais e tomar o roçado dele. Eu morava bem perto dele naquele tempo e fiquei com medo de acontecer o mesmo comigo, mas graças a Deus não aconteceu nada. Vim embora porque minha mulher tinha medo e, na verdade, depois que o Stroessner saiu do governo, a coisa ficou preta pros pequenos. O interessante é que o seu Luis me disse que nunca tinha visto aqueles campesinos por ali. Ele conhecia muitos paraguaios, como eu, que venderam suas terras, mas aqueles ele nunca tinha visto por ali. A terra dele fazia divisa com uma fazenda que estava comprando tudo quanto era roçado pequeno para aumentar a plantação. Ele nunca falou nada, mas nós acreditávamos que o fazendeiro, que a gente nem conhecia, tinha alguma coisa a ver com aquilo tudo[61].

Esses campesinos excluídos, movidos pelo sentimento nacionalista e por essa razão, fácil de ser cooptado por gente interessada nas terras dos camponeses brasiguaios, despejam seu ódio nesses camponeses que, sem possibilidade de reação, acabam por vender ou abandonar suas propriedades, que passam a serem incorporadas às grandes propriedades monocultoras.

> A exclusão moderna é um problema social porque abrange a todos: uns porque os priva do básico para viver com dignidade, como cidadãos; a outros porque lhes impõe o terror da incerteza quanto ao próprio destino e ao destino dos filhos e dos próximos. A verdadeira exclusão está na desumanização própria da sociedade contemporânea, que ou nos torna panfletários na mentalidade ou nos torna indiferentes em relação aos seus indícios visíveis no sorriso pálido dos que não têm um teto, não têm trabalho e sobretudo, não têm esperança. (MARTINS, 2003, p. 21).

No que diz respeito à questão lingüística, tanto os brasiguaios como os paraguaios constroem representações que simbolizam relação de poder. É fato que a língua do país dominante exerce certo fascínio em amplos setores da sociedade receptora, principalmente entre a classe média, ainda mais quando os dominantes são em número imensamente superior à classe autóctone. *"Língua guarani? Isso não é língua, é uma porcaria, que serventia tem aprender e falar isso? O castelhano até que vai, é bom aprender"* [62].

No entanto, os trabalhadores paraguaios reclamam que os migrantes *"rapai"* estão aniquilando suas culturas, seus símbolos, costumes, etc., principalmente para as futuras gerações.

---

[61] ROLÓN, Daniel. Entrevista concedida à Carlos Alberto Ferrari no dia 21/03/2008, em sua residência.
[62] Médio produtor rural no interior do município de *Itakyry*. O nome foi preservado a pedido da pessoa por razões particulares.

> Os campesinos paraguaios encontravam-se em desvantagem no convívio com os brasiguaios na fronteira, impossibilitados de resistir aos efeitos de sua despersonalização, principalmente porque estavam em menor número em relação aos brasiguaios. Na região de Alto Paraná, os brasiguaios conseguiram impor a linguagem, a comida, os costumes e até a moeda brasileira, submetendo-os a condições de vida exclusivamente brasileira. (BATISTA, 1990, p. 23).

Vemos, portanto, que a configuração entre nativos e *outsiders* são dinâmicas no que diz respeito às migrações, pois, nesta região do Paraguai, a população de migrantes do Brasil atinge entre 70 e 80% (números não oficiais), gerando rivalidades, conflitos econômicos, culturais e simbólicos de grande intensidade. Esse poder está sendo usado, principalmente, na criação de estereótipos[63] que, por conseguinte, propagam-se com maior facilidade e tendem a exercer uma ação sugestiva mais poderosa quando associados a pessoas. Isto, contudo, é compreensível em áreas de fronteiras, onde grupos sociais estabelecidos e os "outros" lutam para impor ou manter a hegemonia.

Percebe-se, assim, que os estereótipos não são neutros, mas forjados, e sempre refletem uma situação de conflito social. Tal estigmatismo, ou seja, esta ação indigna, por sua vez, foi e continua sendo usada como estratégia para convalidar as truculências praticadas pelos "campesinos" e, principalmente, pelas autoridades paraguaias contra os camponeses brasiguaios que ainda resistem no campo alto-paranaense.

Da mesma forma, os brasiguaios também usam esses estereótipos contra os paraguaios. No entanto, ao contrário dos nativos, não praticam violência física. Assim, ambos os lados utilizam-se desses estereótipos para legitimar sua condição. Por exemplo, os brasiguaios chamam os paraguaios de bugres, falsificadores, corruptos, *chirús*, etc. e, ao mesmo tempo, definem-se como progressistas, limpos, civilizados e trabalhadores. Os paraguaios chamam os brasiguaios de invasores, *haraganes*, *coimeiros*, *rapai*, *sucios*, etc.

> Los inmigrantes brasileños en Paraguay se presentan como portadores de un aprendizaje agrícola y comercial de un país más desarrollado, así como el ideal de sus abuelos italianos, alemanes, polacos, etc., cuando llegaron al Brasil, allá calificaban a los brasileños, principalmente los negros, índios y nordestinos, de

[63] De fato, se pronunciarmos na conversa comum com um grupo de pessoas palavras como "senador", "poeta", "comunista", "capitalista", "selvagem", "cowboy", "filósofo", "protestante" – apenas para citar exemplos de verificação elementar – logo se desenha, na mente de cada um dos circunstantes, a imagem, ou seja, o estereótipo correspondente, que por sua vez varia em relação à posição social e cultural de cada um. Assim, a palavra "capitalista", para uns, pode significar "explorador do povo", para outros, significará "pessoa bem sucedida" etc. O capitalista de fato pode ser uma coisa ou outra, ou nenhuma das duas. Assim, de forma generalizada, estabelece critérios socialmente falsificados. (TELES, 1975, p. 80-81).

> haraganes. En Paraguay repiten los mismos estereotipos en relación a los campesinos locales. (FOGEL y RIQUELME, 2005, p. 167).

Entretanto, apesar dos conflitos, da opressão e da violência, existem ainda muitos camponeses brasiguaios que resistem na região, encravados em meio às grandes e médias propriedades monocultoras do agronegócio. Vale destacar que a maior parte dos brasiguaios nessa região são os trabalhadores rurais assalariados, no campo e na cidade.

Quando ocorreram os conflitos de maiores proporções, como o que aconteceu no distrito de *San Alberto* em 2002, campesinos radicados em movimentos de outros departamentos deslocaram-se para a região conflituosa para engrossar a resistência contra os *"invasores brasileños* e *brasiguaios"*. No entanto, este conflito não se caracterizou pela posse da terra, mas sim contra o uso abusivo de agrotóxicos nas grandes lavouras. Esse conflito foi direcionado mais aos *"brasileiros no Paraguai"*, porque os camponeses brasiguaios não usam esses agrotóxicos em suas lavouras, nem tampouco plantam soja transgênica. Segundo a Revista do MERCOSUL (2001), outra fonte de atrito é a questão racial, uma vez que a maioria dos brasiguaios tem olhos azuis e pele clara e os paraguaios são de origem indígena, salvo em raras exceções.

Salvo raras exceções, a violência generalizada nessa região do *Departamento de Alto Paraná* volta-se sempre contra os brasiguaios. Por isso as hostilidades são constantes entre brasiguaios e paraguaios, esses, amparados pelas autoridades constituídas que deixam transparecer visivelmente a xenofobia para com os migrantes pobres conhecidos como brasiguaios.

> O sentimento patriótico batia como ódio no coração dos paraguaios. Quando me aliei aos brasiguaios que, na época, quiseram voltar, já imaginava que a qualquer tempo uma reação no nível do poder político seria adotada. Em várias ocasiões, cheguei a admitir que a precária tranqüilidade dos brasiguaios dependia exatamente do general Stroessener. Enquanto durasse a ditadura, a presença seria apenas em função da atividade mafiosa dos comissários. O retorno da democracia poderia, como parece, estar acontecendo agora, estimular manifestações aborígenes de soberania nacional. (ALVES, 1990, p. 28).

Desta forma, desde o final da década de 1980, os brasiguaios vivem sob constantes ameaças no Paraguai, principalmente das autoridades paraguaias aliadas do grande capital, seja ele de qual nação for. Pois, em *San Alberto, Itakyry, Minga Porã e Mbaracayú*, são comuns as fugas de camponeses brasiguaios, que abandonam suas propriedades sob ameaças dos campesinos. Por essa razão, é muito difícil conseguir alguma entrevista ou mesmo uma conversa

informal sobre essa questão, pois o medo impera em toda a parte, tanto no campo como na cidade.

Apesar das dificuldades, foi possível, no decorrer da pesquisa, e nos trabalhos de campo desenvolvidos na região questionar algumas pessoas conhecidas sobre as ameaças promovidas pelos campesinos exógenos para que os camponeses brasiguaios vendam ou abandonem suas propriedades para serem incorporadas às grandes propriedades da soja.

Vale destacar que as famílias brasiguaias expulsas de suas terras, na maioria das vezes, têm sua propriedade próxima a uma grande propriedade. Neste sentido, as autoridades brasileiras de Foz do Iguaçu procuram tomar alguma providência sobre estas questões, que a cada dia se tornam mais comuns na fronteira:

> Os campesinos (sem-terra) paraguaios continuam invadindo pequenas propriedades de brasileiros nas áreas rurais do vizinho país. A denúncia foi apresentada ontem na tribuna da Câmara Municipal pelo vereador Hermógenes de Oliveira (sem partido), que mantém uma estreita relação com os brasiguaios. Segundo ele, são mais de 500 mil camponeses brasiguaios em situação de risco. O vereador é vice-presidente da Comissão de Turismo, Indústria, Comércio e Assuntos Fronteiriços que ontem foi designada para atuar em conjunto com a sociedade e os demais poderes na busca de uma saída para a crise nas relações entre Brasil e Paraguai. Hermógenes classificou a situação de um absoluto caos. (MARQUES, E. "Paraguaios invadem terras de brasileiros". **A Gazeta do Iguaçu**, Foz do Iguaçu, 28 de março de 2008. Caderno de notícias, p. 12).

A tranqüilidade embora hipotética, como já referimos, a que os brasiguaios estavam acostumados no país vizinho, teve seu fim com a implantação da "democracia" (1989) e, conseqüentemente, com a expansão do modelo agronegócio na região. A partir do momento que esse novo paradigma da agricultura começou a ser implantado nessa região do Paraguai, começou também o sofrimento dos brasiguaios. Vale destacar, no entanto, que os chamados *"brasileiros no Paraguai"*, isto é, aqueles que detêm maior poder econômico e político, não sofrem a mesma discriminação nem as mesmas ameaças e conseqüente violência. Pelo contrário, são protegidos pelas autoridades paraguaias e *"brasileiras no Paraguai"*.

Ao mesmo tempo, percebe-se um constante deslocamento de trabalhadores brasileiros que, diariamente, partem para o Paraguai, especialmente para a região norte, evidenciando a face cruel do processo de territorialização/desterritorialização num território avesso ao seu modo de vida. Porém, mesmo cientes dos problemas a serem enfrentados, principalmente por se tratar de território estrangeiro - onde os direitos poderiam ser-lhes tolhidos, como de fato o foram e

continuam sendo para uma imensa maioria de migrantes brasiguaios é grande o número de pessoas e de famílias inteiras que cruzam a fronteira para território paraguaio em busca de melhores condições de vida, principalmente no campo.

A partir do conceito de território enfoca-se aqui a desterritorialização, que caminha para uma vertente mais social, que em nosso parecer é o pilar de onde se deve ser enfocada e debatida a questão. Quando tratamos de exclusão, *"o capital, sob a forma de proprietário de terra, expulsa e exclui o camponês da terra, transforma-o em excedente populacional"*. (MARTINS, 2003, p. 98). Logo, desterritorialização aqui é entendido como um fenômeno amplo e complexo e, ao mesmo tempo de natureza econômica, político e cultural. Portanto, entendido como transição demográfica e cultural que influem diferenças e mudanças nos chamados brasiguaios, acarretadas na passagem de um território a outro. No entanto, é preciso ressaltar a precarização e a exclusão que está inserida na lógica da acumulação capitalista, demonstra uma visão materialista baseada em Marx onde faz menção a primeira desterritorialização capitalista, a própria acumulação primitiva do capital que separaria o camponês dos meios de produção. (HAESBAERT, 2004).

> Trata-se da "expropriação do povo do campo de sua base fundiária" e sua transformação em trabalhador livre rumo ao assalariamento nas cidades. A dissociação entre trabalhador e "controle" (domínio e apropriação) dos meios de produção (da terra para cultivar a fábrica ou os instrumentos para produzir) é a grande desterritorialização, imprescindível, de qualquer modo, a construção e a reprodução do capitalismo. (HAESBAERT, 2004, p.173.)

No entanto, o que mais impressionou nesta pesquisa foi a percepção de que os brasiguaios que vivem nessa região do Paraguai são tratados com preconceito muito mais acentuado pelos chamados *"brasileiros no Paraguai"* que pelos próprios paraguaios. Tal fato nos leva a considerar que a questão, além de étnica e cultural, é ainda mais evidentemente econômica, já que esse preconceito entre os próprios migrantes é devido à classe social em que cada um está inserido.

> Lá no Paraguai onde eu morava, *San Ramón*, colônia de *San Alberto*, os brasileiros ricos nem olham pra gente direito, não querem nem saber. Apesar de eles dizerem que esse negócio de preconceito não existe é pura mentira, existe sim, um dia pedi uma carona para um fazendeiro até Foz e ele não me deu, arrumou umas desculpas esfarrapadas e percebi que ele não queria me levar, depois dizem que não existe. É bom dizer também, que quando é época de

> eleição aqui é tudo diferente, aí a gente é tratado direito, dão atenção pra gente, tudo por causa do voto. Mas que existe o preconceito existe, e não é pouco não, eles que dizem que não existe talvez porque têm vergonha quando alguém pergunta[64].

Denil ficou viúva e casou-se com o paraguaio Daniel Rodríguez Rolón, Denil teve quatro filhos, três com o primeiro marido e um com o segundo marido, apenas um nasceu no Brasil os outros nasceram no Paraguai, no entanto, os quatro são registrados no Brasil, três em Foz do Iguaçu e um em Pato Bragado.

No contexto de migração e re-migração, nota-se que o regresso de trabalhadores brasiguaios na última década do século XX e no início deste século, como foi o caso de Denil, é maior que a migração nessa região do *Departamento de Alto Paraná*. Portanto, o regresso é o resultado da expansão do agronegócio na região, como em todo o *Departamento de Alto Paraná* e até em departamentos vizinhos, como é o caso do *Departamento de Canindeyú*. Entretanto, a falta de políticas agrícolas e agrárias no campo brasileiro são dificuldades ainda maiores que as enfrentadas no Paraguai para esses brasiguaios que regressam, por que, sem alternativa no campo, engrossam os bolsões de miséria nas periferias das cidades da fronteira.

> Roberto Freitas, 32 anos, morou os últimos 19 anos na região do Alto Paraná, região leste do Paraguai, onde vivem milhares de famílias de brasileiros que foram, nas décadas de 1970/80, aventurar em terras estrangeiras, no país vizinho. Ele conheceu a esposa, Rosimeri Aparecida Prestes dos Santos, 26 anos, com quem tem cinco filhos. Morando em Cascavel, a família Freitas faz parte de um novo contingente de brasiguaios que está re-migrando. Esses brasiguaios seguem para os acampamentos de sem-terra ou incham as periferias das cidades. Freitas está vivendo há quatro meses entre o bairro Santa Cruz e Aclimação, zona oeste de Cascavel. Ele é o retrato dessa ‘re-migração’ que está acontecendo. A maioria dos brasiguaios está retornando apenas com a roupa do corpo e os poucos pertences pessoais, depois de viverem décadas em território estrangeiro. Desempregado, Freitas vive catando materiais recicláveis nas ruas, para pagar o aluguel de R$ 180,00 da casa e a alimentação dos filhos. (“Famílias pobres estão retornando ao Brasil depois do insucesso no Paraguai”, in O Paraná, 20 de julho de 2006, p. 09).

---

[64] LOBO, S. D. Brasiguaia que teve de vender sua propriedade na colônia *San Ramón* a um fazendeiro de origem brasileira. Entrevista concedida a Carlos Alberto Ferrari no dia 21/05/2008.

A expulsão da terra de trabalho acabou com o sonho de milhares de camponeses que migraram para o Paraguai em busca de terra, de trabalho e de melhores condições de vida. Para muitos desses camponeses, exceto para uma pequena minoria que conseguiu se estabilizar e se tornar médio produtor, foi uma ilusão acreditar na possibilidade de se conseguir um pedaço de chão para continuar com a lida na roça. No entanto, regressaram, ainda com a esperança de conseguirem o pedaço de chão em algum acampamento de sem-terra do MST, porque é essa a possibilidade que move e encoraja esses trabalhadores nas lutas, uma vez que nasceram e foram criados no campo, mesmo vivendo nas condições descritas acima. Na concepção dos camponeses excluídos, *"a terra não deve ter dono, ela é dos verdadeiros agricultores, dos que nela trabalham"*. (OLIVEIRA, 1996, p. 71).

A iniciativa de migrar, neste caso especifico, foi estimulada a partir das dificuldades de sobrevivência das pessoas excluídas de seu meio tradicional e inseridas de alguma forma, em locais diferentes de seu modo de vida, um local estranho. É a luta pelo pedaço de chão e condição econômica adequada a uma existência humana que faz da migração uma opção um tanto quanto desesperadora, mas ao mesmo tempo necessária. Se não é o único motivo, é o mais importante fator de expulsão de milhões de pessoas dos lugares mais diversos do planeta ao longo da existência histórica humana.

A questão camponesa brasiguaia se tornou um problema complexo, pois envolve uma série de detalhes difíceis de serem apreendidos sem que se faça antes uma observação profunda de tudo aquilo que está ligado a um determinado tipo de sociedade camponesa. Circunstâncias como a vida particular de cada um, sua inserção dentro dos quadros de uma organização maior, sua atuação política, sua cultura híbrida, seu modo de interpretação do mundo social e também sua relação com o mundo natural. O problema das migrações, já que os primeiros brasiguaios tiveram que migrar do sul do Brasil para o oeste paranaense e, mais tarde para o Paraguai, são fatores importantes para a compreensão detalhada do mundo camponês brasiguaio, principalmente os trabalhadores que permanecem ainda em território guarani sendo explorado, especialmente pelos grandes proprietários de terra do agronegócio excludente.

Destarte, uma enorme legião de brasiguaios sobrevive das aspirações possíveis da luta por uma vida digna, vagando do campo para o campo, do campo para a cidade, perfazendo um frenético vaivém na fronteira, palco de lutas e esperanças por dias melhores. No Paraguai os brasiguaios, no exercício da prática cotidiana acumulam experiências importantes para conviver

com o autóctone, ou melhor, a consciência gerada no processo leva o conhecimento e o reconhecimento das condições de vida, identificando uma dimensão importante no cotidiano desses migrantes, principalmente a do ambiente e do espaço estranho que agora fazem parte.

No entanto, estão sujeitos, como neste caso, a expulsão do país receptor. A primeira grande leva de brasiguaios que retornaram ao Brasil foram as mil famílias que acamparam no município de Mundo Novo, no Sul do Mato Grosso do Sul, em 1985, dando origem à expressão e, em seguida, à identidade brasiguaia. Entretanto, houve várias levas de brasiguaios que retornaram do campo paraguaio, sendo uma das mais conhecidas, pela violência empregada pelo Estado Sul-matogrossense, o acampamento no município de Ivinhema (MS), quando os regressados ocuparam a gleba Santa Idalina[65] do grupo SOMECO, resultando no assentamento e, mais tarde, no município de Novo Horizonte do Sul.

Cabe destacar que, apesar dos sem-terra advindos do Paraguai, portanto, já brasiguaios, não terem conseguido permanecer na área da Fazenda Santa Idalina, pois foram violentamente despejados, só posteriormente é que foram transferidos para um assentamento provisório denominado de "Padroeira do Brasil" no município de Nioaque/MS. Foi a partir destas lutas e, principalmente, desta ocupação que o MST se fortaleceu e se solidificou no Estado, organizando outras ocupações e conquistando, por conseguinte, a implantação de um grande número de assentamentos na década de 1990.

Na figura a seguir, a família Freitas, camponeses brasiguaios expulsos do campo paraguaio pela expansão das grandes e médias propriedades do agronegócio. Esta cena é comum nas periferias das cidades brasileiras marginais, principalmente, Foz do Iguaçu, Cascavel e Guaíra. Esta é a verdadeira exclusão da terra e inclusão precária no meio urbano.

---

[65] A ocupação da gleba Santa Idalina em Ivinhema no dia 29 de abril de 1984 não é fato isolado no contexto da problemática brasileira relativa à terra. A medida organizada e adotada por mais de mil trabalhadores apreensivos por um espaço para plantar, produzir para a família e fazer oferta ao mercado consumidor mostrou a transformação de estado passivo em ativo de pessoas que há muito vem sendo expulsas de seu habitat. Do episódio de Santa Idalina ficaram lições que jamais podem ser desprezadas pelos governantes, como a capacidade de organização popular. Os pequenos agricultores, ocupantes de Santa Idalina, pelas notícias que se tem, não foram treinados para sobreviver na mata. Aliás, a única prática que detêm é o trabalho de longos anos no trato com a terra, garantindo o sustento de seus filhos e produzindo para a riqueza dos latifundiários. (CORTÊZ, 1985).

FIGURA – 09: Município de Cascavel – PR: brasiguaios na periferia.

FONTE: Acervo particular de Lorena Manarin (2007).

Foi possível verificar, também, que, no início, os brasiguaios regressavam em grandes levas, formando grupos para facilitar a entrada e posterior acampamento numa cidade previamente escolhida na fronteira, principalmente com o Mato Grosso do Sul, devido à fronteira seca, isto é, não necessitariam transpor pontes nem rios. Depois dos episódios do regresso em massa, que perduraram até o final da década de 1980 e início de 1990, milhares de camponeses brasiguaios deixaram a região norte do *Alto Paraná*. No entanto, a partir desta data, o retorno acontecia em grupos menores, em família. Assim, a operação regresso caracteriza-se como uma fuga às atrocidades perpetradas pelos campesinos exógenos aos movimentos sociais e, também, pela polícia paraguaia, que persegue os migrantes pobres. Por conseguinte, esses camponeses brasiguaios sem-terra foram responsáveis pela limpeza das terras onde atualmente se encontram as grandes propriedades da soja e, ironicamente, são expulsos pela expansão dessas mesmas propriedades que ajudaram a amansar.

> A migração *e, conseqüentemente a re-migração*, aparecem conseqüentemente como estratégia dos camponeses, fugindo da exploração esmagadora dos

> latifundiários. Assim ocorreu quando os brasiguaios começaram a ocupar o Paraguai. É fato que estes trabalhadores produzem benefícios a poucos, principalmente os grandes proprietários de terras, que através da valorização das terras no Paraguai ficaram mais poderosos e também expulsaram os brasiguaios de suas posses. (BATISTA, 1990, p. 88). [grifo nosso].

Entretanto, os brasiguaios ao regressarem para o Brasil, já imaginavam que também teriam problemas em sua terra natal. Por esse motivo, os primeiros regressos foram em grandes grupos. Na verdade o problema da exclusão social, da exclusão da terra, nasce com a sociedade capitalista, entretanto, esse problema se intensificou nas últimas décadas, exatamente porque a inclusão, na maioria das vezes precária, começou a demorar muito: o tempo que o camponês depois que é expulso passa a procurar outro pedaço de terra ou um trabalho, mesmo que não seja na terra, começou a se tornar por demasiado longo e volta e meia o modo que encontra para ser incluído é um modo que implica certa degradação.

Essa tentativa de inclusão aparece como alternativa para esses trabalhadores, os quais inventam ou se sujeitam a fazer qualquer coisa para sobreviver. O exemplo mais contundente dessa violência é o caso dos campesinos paraguaios que foram excluídos da terra no Paraguai e atualmente vivem a margem da sociedade, como se pôde observar, eles são contratados para promover ameaças aos pequenos proprietários brasiguaios.

No mundo capitalista, as pessoas são separadas por categorias sociais severas que não oferecem alternativas e, por isso, a população excluída está construindo formas alternativas de inclusão. O desafio da sociedade deveria ser a recusa a esse tipo de exclusão/inclusão precária. As lutas sociais, como as vivenciadas pelos brasiguaios quando do retorno, é um bom exemplo de como os camponeses brasiguaios se organizaram para exigir mudanças fundamentais para atender suas necessidades. O Estado de direito deve, primeiramente, atender as necessidades do homem e não do capital.

Portanto, o sistema capitalista, segundo Martins (1997), provoca o desenraizamento, a brutalização e exclusão. Neste contexto, sobressai o fato de a lógica da exclusão consistir fundamentalmente na inclusão precária, pois "*a sociedade capitalista desenraiza, exclui para incluir, incluir de outro modo, segundo suas próprias regras, segundo sua própria lógica*". (MARTINS, 1997, p. 32).

Apesar de todos os problemas enfrentados pelos brasiguaios que retornam, é cada vez maior o número de camponeses brasiguaios que voltam para o Brasil à procura de trabalho e de

um pedaço de chão. Há os que se instalam nas periferias das cidades da fronteira e os que engrossam os acampamentos dos sem-terra ao longo das rodovias brasileiras, como a BR-163 no Estado do Paraná e Mato Grosso do Sul. Por conseguinte, nos acampamentos, esses regressados enfrentam péssimas condições de acomodação, de higiene e de vida. O acesso à terra é um dos principais problemas relacionados à questão agrária na América Latina como um todo. Essa questão suscitou, ao longo da história, diversas reações dos segmentos oprimidos que lutaram e ainda lutam pela terra. Dessa luta emergiram os movimentos sociais de trabalhadores rurais sem terra no Brasil que adotaram os acampamentos e as ocupações de terra como principal estratégia para a realização da reforma agrária. São esses acampamentos que acolhe o brasiguaio re-imigrado.

Porém, muito desses camponeses excluídos da terra na fronteira leste paraguaia (leia-se norte do *Departamento de Alto Paraná*), sem condições financeiras para retornar, acabam por ser explorados, tanto nas grandes e médias propriedades como nos serviços ilícitos, como, por exemplo, nas carvoarias no interior, principalmente das grandes propriedades, aumentando deste modo, o trabalho escravo nessa faixa de fronteira. Portanto, para esses camponeses expropriados pelo grande capital no Paraguai, o caminho de volta mostrou-se mais dramático do que sua partida em busca de melhores condições. As prefeituras das cidades brasileiras da fronteira onde as maiorias dos brasiguaios regressados aportam não os reconhecem como cidadãos desses municípios. Ademais, a disponibilidade de atendimento dessas prefeituras, no que compete à saúde, segurança, moradia e empregabilidade, não absorve a demanda causada pelos brasiguaios, e isto se tornou um problema crônico para as prefeituras.